



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

DANIEL DA ROCHA SILVA

**O DISCURSO DE RESISTÊNCIA EM RECORTES DE *SOBREVIVENDO NO
INFERNO* (2018) DO RACIONAIS MC'S**

SÃO CRISTÓVÃO/SE

2022

DANIEL DA ROCHA SILVA

**O DISCURSO DE RESISTÊNCIA EM RECORTES DE *SOBREVIVENDO NO
INFERNO* (2018) DO RACIONAIS MC'S**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Linha de pesquisa: Linguagem, Identidade e Práticas Sociais.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Leônia Garcia Costa Carvalho.

SÃO CRISTÓVÃO/SE

2022

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Silva, Daniel da Rocha.

S586d O discurso de em recortes de *Sobrevivendo no inferno (2018)*
do Racionais MC'S / Daniel da Rocha Silva ; orientadora Maria
Leônia Costa Carvalho. – São Cristóvão, SE, 2022.

80 f.

Dissertação (mestrado em Letras) – Universidade Federal de
Sergipe, 2022.

1. Análise do discurso. 2. Rap (Música). 3. Memória. 4. Ideologia.
I. Carvalho, Maria Leônia Costa, orient. II. Título.

CDU 81'42

DANIEL DA ROCHA SILVA

**O DISCURSO DE RESISTÊNCIA EM RECORTES DE *SOBREVIVENDO NO
INFERNO (2018) DO RACIONAIS MC'S***

Aprovada em: ___/___/_____.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, à seguinte Banca Examinadora.

Banca Examinadora

Prof^ª. Dr^ª. Maria Leônia Garcia Costa Carvalho (PPGL/UFS)
Presidente da banca / Orientadora

Prof. Dr. Denson André Pereira da Silva Sobral (UFAL)
Examinador Externo

Prof. Dr. Fábio Elias Verdiani Tfouni (PPGL/UFS)
Examinador Interno

SÃO CRISTÓVÃO/SE

2022

AGRADECIMENTOS

Não há trajetória fácil. E a acadêmica requer dedicação, coragem e resiliência. Embora o percurso tenha sido árduo, do início da vida escolar até aqui, a vida acadêmica valeu a pena, pois neste texto encontra-se o melhor de mim. Meus agradecimentos são plurais, assim como a minha trajetória é formada por diversas palavras: luta, vontade, cansaço, persistência, paciência... No meu caminho, encontrei pessoas incríveis, a começar pela minha família, que se tornou meu alicerce de apoio e de incentivo; minhas irmãs Imperatriz, Dedinha, Maria Alves e Edilene Oliveira, esta última divide comigo a tarefa árdua da docência e dos corredores da academia, e agradeço muito por isso. Minha mãe, Maria Conceição, meu mais profundo e gigantesco agradecimento. Ainda, àquelas amizades verdadeiras que, de certo modo, foram-me apresentadas pelos estudos, cito, especialmente, Franciele Costa e Willamis, agradeço-lhes pelas longas conversas acerca da vida e dos sonhos; a Maria Lúcia, minha gratidão pela sua amizade; a Josuel pela “irmandade”, sempre presente e na torcida pela minha vitória; a Welington, cunhado e amigo, sempre disposto a ajudar. Agradeço também aos meus compadres, Mayane e Ítalo, pelo companheirismo. Aos professores do Ensino Básico que compartilham comigo momentos agradáveis de discussões: Maria Lúcia, Deise, Edilza Perete, Luciglei Anjos, Rosa, Ana Telma, Selma Gomes, Rozélia Fernandes, Sabah Abdo, Rafael, Karla Souza, Cristiane, Elis, Rosane, Ivoneide, Meyre e todos que trabalham e dividem comigo a tarefa árdua, mas prazerosa, do Ensino Fundamental anos finais na Unidade Municipal de Ensino Bráulio Cavalcante, em Pão de Açúcar/AL. Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe pelo constante aprendizado. À professora Dr^a. Maria Leônia, minha orientadora, pela excelente condução da pesquisa e pela paciência diante das dificuldades na construção do conhecimento; à professora Dr^a. Márcia Regina pela luz que representa. Sem me esquecer de agradecer à banca examinadora, formada por profissionais excelentes e de vasto conhecimento científico que em muito contribuíram para a tessitura deste texto.

Ademais, agradeço a todos que passaram pela minha vida e contribuíram para tantos acontecimentos.

“As palavras falam com outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso. E todo discurso se delinea na relação com outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória.”

(ORLANDI, 2000, p. 43)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal analisar o processo de produção de sentidos por meio de sequências discursivas em três materialidades: “Capítulo 4, versículo 3”, “Diário de um detento” e “Periferia é periferia (em qualquer lugar)”, do livro *Sobrevivendo no inferno* (2018), lançado pela Editora Companhia das Letras, que se tornou a versão impressa do álbum musical de mesmo nome, apresentado ao público em 1997 pelo grupo de *rap* paulistano Racionais MC’s em uma década marcada pela violência policial em comunidades periféricas. A obra foi escolhida em decorrência de apresentar marcas linguísticas que permitem ao analista de discurso interpretar tanto os não-ditos quanto os deslizes acerca do discurso de resistência, assim como os deslocamentos e permanências desse discurso. Então, de que modo o *rap* “denuncia” essa realidade? Enquanto questão norteadora, é sabido que o *rap* influencia seus seguidores a manterem uma vigilância constante diante das ações praticadas pelo Estado, pois representa sujeitos discursivos que resistem à falta de políticas públicas. Nesse sentido, o objetivo geral busca compreender, por meio da Análise de Discurso de perspectiva pecheutiana, como o *corpus* aborda o discurso de resistência a partir das condições de produção dos anos 1990, marcados por chacinas que até os dias atuais levantam questionamentos acerca de seus executores; por sua vez, os objetivos específicos são: levantar as condições de produção dos anos 1990; identificar a formação discursiva desses sujeitos interpelados ideologicamente e verificar de que modo acontece a resistência do sujeito discursivo à ideologia dominante de uma formação social capitalista. Assim, justifica-se por ser um grupo musical influente e que perpassa as diversas camadas socioeconômicas da sociedade, não sendo restrito apenas à periferia, fato que marcou o movimento do *rap* nacional e alcançou uma notoriedade alarmante para o ritmo, portanto é a voz da periferia na mídia que adentra os diversos espaços sociais e atinge seus mais diversos agentes. Como nosso norte teórico é a AD, não se tem uma metodologia fixa e única, mas gestos de interpretação do analista de discurso no decorrer da pesquisa, do contato com o *corpus* e as categorias de análise. Para tanto, embasamos nosso trabalho no aporte teórico de seu principal autor: Michel Pêcheux (1995, 1997, 2020); além de Orlandi (2000, 2007, 2012), Malidier (2017) e outros. Assim, consideramos algumas categorias que foram discutidas por Pêcheux: ideologia, formação discursiva, memória, acontecimento, interdiscurso, sentido, condições de produção e sujeito. Avaliamos, por “fim”, que o sujeito do discurso da periferia é clivado pelo discurso de resistência e que, por sua vez, se manifesta no *rap* do Racionais MC’s, retratando o abandono vivido pelas comunidades das grandes cidades brasileiras.

Palavras-chave: Análise de discurso. *Rap*. Sujeito. Resistência.

ABSTRACT

In this study, we mainly purpose to analyse the process of sense production by means of three discursive sequences: “Capítulo 4, versículo 3”, “Diário de um detento” and “Periféria é periferia (em qualquer lugar)”, from the book *Sobrevivendo no inferno* (2018), published by Editora Companhia das Letras. This book is a printed version of the homonymous album released in 1997 by the rap group Racionais MC’s in the midst of an era marked by police violence against the peripheries of São Paulo. The work chosen to present linguistics marks that allow the discourse analyst to interpret the implicit senses, the flaws in the discourse of resistance, as well as the displacements and continuity of it. By what means does rap music “denounce” this reality? It is known that rap music influences its listeners to keep a constant watch over the actions of the State, since they represent subjects of discourse that resist to the absence of public policies. Seen in these terms, by means of Pechetian discourse analysis, we aim to understand how the corpus approaches the discourse of resistance from the 1990’s conditions of production, a time strongly remarked by massacres that raise questions regarding their executors even today; consequently, our specific aims are: to discover the 1990’s conditions of production; to identify how such a subject of discourse is ideologically influenced within its discursive formation and to verify how the subject of discourse resists the dominant ideology of a capitalist social formation. Thus, it is justified for being an influential musical group that permeates the various socioeconomic strata of society that doesn’t restrict itself to the periphery, fact that marked the national rap music and made it reach a great notability. Therefore, rap music is the periphery’s voice among the medias, it enters in diverse social spaces and reaches diverse social agents. Since our theoretical guide is the Discourse Analysis which doesn’t have a fixed and unique methodology, there are movements of interpretation by the analyst according to his contact with the corpus, the categories of analysis and as the research progresses instead. For this purpose, we base our work on the theoretical contributions of Discourse Analysis’ main author: Michel Pêcheux (1995; 1997; 2020); besides Orlandi (2000; 2007; 2012), Malidier (2017) and others. Thus, we consider some concepts presented by Pêcheux, such as: ideology, discursive formation, memory, event, interdiscourse, sense, conditions of production and subject. We assess that periphery’s subject of discourse is cleaved by a discourse of resistance and this is manifested in Racionais MC’s songs, by reporting the abandonment experienced in communities of large Brazilian cities.

Keywords: Discourse Analysis. *Rap*. Subject. Resistance.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1: O CAMINHO DE UM PERCURSO TEÓRICO	11
1.1 Pêcheux e a Análise de Discurso	11
1.2 Língua, fala e discurso	16
1.3 Ideologia	20
<i>1.3.1 Pêcheux: formações ideológicas, ideologia dominante e ideologia geral</i>	22
1.4 Formação Discursiva	25
1.5 Memória, acontecimento e interdiscurso	28
1.6 Sentido	30
1.7 Condições de Produção	31
1.8 Sujeito	333
CAPÍTULO 2: METODOLOGIA E ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	36
2.1 Procedimentos metodológicos	36
2.2 <i>Rap/Hip-hop</i>: um discurso de resistência	40
2.3 O(s) sujeito(s) do discurso: memórias, sentidos e ideologias	44
2.4 Racionais MC's: a FD no <i>corpus</i>	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	54
ANEXO A – Letras das canções	588

INTRODUÇÃO

A violência policial nas comunidades das grandes cidades acontece sob os olhares dos governantes e, embora passível de punição, tornou-se recorrente e marcante na história do Brasil. Com o avanço tecnológico, mas não apenas por causa disso, abusos de autoridades de força do Estado passaram a ter uma observação nunca antes vista, porém alguns casos, dentro das próprias comunidades, apresentam-se sem soluções e/ou quaisquer julgamentos de seus fatores, tanto em decorrência da negligência policial quanto em relação às mudanças feitas por esses agentes nos locais do crime. Diante disso, o *rap*, através de suas canções, contribui para “denunciar” a violência das polícias dentro de seu território originário e influencia seus seguidores a manterem uma vigilância constante diante dos desmandos em nome do Estado. A partir disso, as seguintes hipóteses foram consideradas: o *rap* influencia seus seguidores a manterem uma vigilância constante diante dos desmandos do Estado através de sujeitos discursivos que resistem à falta de políticas públicas; ainda, a ideologia de resistência sustenta a formação discursiva do Racionais MC’s.

Utilizamos, enquanto objeto de análise, sequências discursivas de três materialidades (canções) do livro *Sobrevivendo no inferno* do grupo de *rap* paulistano Racionais MC’s, lançado pela Editora Companhia das Letras em 2018 e que veio a se tornar leitura obrigatória do vestibular de uma das universidades mais importantes do Brasil, a Universidade de Campinas – Unicamp. Embora não seja uma obra inédita, visto que retoma o álbum de mesmo nome lançado em 1997, causou repercussão social por figurar ao lado de cânones da literatura mundial, a exemplo de Camões. A obra foi escolhida em decorrência de apresentar marcas linguísticas que permitem ao analista de discurso interpretar tanto os não-ditos quanto os deslizos acerca do discurso de resistência, assim como os deslocamentos e permanências desse discurso.

Nesse sentido, o objetivo geral busca compreender, por meio da Análise de Discurso de perspectiva pecheutiana, como o *corpus* aborda o discurso de resistência a partir das condições de produção dos anos 1990, marcados por chacinas que até os dias atuais levantam questionamentos acerca de seus executores; por sua vez, os objetivos específicos são: levantar as condições de produção dos anos 1990; identificar a formação discursiva desse sujeito interpelado ideologicamente e verificar de que modo acontece a resistência do sujeito discursivo à ideologia dominante de uma formação social capitalista por meio de sequências discursivas em três materialidades: “Capítulo 4, versículo 3”, “Diário de um detento” e “Periferia é periferia (em qualquer lugar)”, do livro *Sobrevivendo no inferno* (2018).

Tal pesquisa justifica-se pela importância de trazer o debate acerca de como o *rap* retrata a violência não apenas policial, mas de ambas as formas que cerceiam o acesso dos moradores de comunidade ao que a sociedade oferece, tanto no que tange à cultura quanto aos outros artefatos sociais necessários para uma vida digna. Consideramos que o grupo Racionais MC's é o mais influente do ritmo e que, por isso, não se restringe às fronteiras das comunidades, saiu delas e é ouvido nas mais diversas esferas socioeconômicas. Ainda, diante da relevância da materialidade e de todo o arcabouço teórico pecheutiano, entendemos a análise discursiva como inacabada e sempre a dispor de novos *corpora* para estudos, e, diante dessa incompletude, abordagens que oferecem às ciências linguísticas objetos outros que não apenas o recorte discursivo de candidatos políticos, mas que consideram que o político está na língua, independentemente do cargo que o seu falante ocupa, são relevantes para a academia.

Assim, este trabalho de pesquisa explana-se a partir de três capítulos. No primeiro, passaremos pela evolução da AD em suas três épocas, assim consideradas pelo próprio Pêcheux, abordando sua principal mudança: a saída de uma análise de discurso fechada em si e considerando a heterogeneidade dentro do discurso, ou seja, outros discursos atravessando o discurso. Ainda, consideram-se as categorias escolhidas para a análise de *corpus*, como a relação entre língua, fala e discurso; ideologia; formação discursiva; memória, acontecimento e interdiscurso; sentido; condições de produção e sujeito, pois acreditamos que se atrelam ao objeto de estudo, visto que estamos abordando um sujeito, o do *rap*, com discursos contrários à ideologia dominante.

O segundo capítulo traz um percurso dos procedimentos metodológicos, da teoria abordada para a análise do *corpus* e das categorias analisadas de acordo com o seu principal autor, Pêcheux (1995), como também as considerações de Orlandi (2000, 2001), Baronas (2011) e Maldidier (2017), entre outros. Também apresenta o grupo Racionais MC's, dos seus integrantes ao seu legado, considerado histórico para a cultura nacional.

Além disso, abordamos a história do *rap* e do *hip hop*, em que priorizamos uma breve descrição acerca de seu surgimento e por quem surgiu, levando em consideração suas características e alguns desdobramentos importantes para a consolidação dessa manifestação cultural. Também explanamos algumas considerações acerca de como o *rap* adentrou o território brasileiro e veio a retumbar a partir dos anos de 1990 com os Racionais MC's. Tem-se a análise do *corpus* selecionado, visto que o livro *Sobrevivendo no inferno* é composto por 12 músicas. Para tanto, trabalhamos com três: “Capítulo 4, versículo 3”, na página 48 do livro mencionado; “Diário de um detento” (p. 82) e “Periferia é periferia (em qualquer lugar)” (p. 90), nas quais fizemos um recorte e utilizamos, para tanto, sequências discursivas para que

nosso estudo ficasse ainda mais objetivo, pois consideramos que, principalmente nessas canções, se encontram discursos que retomam questões típicas da periferia, tais como as mazelas sociais, a desigualdade e uma ideologia resistente.

Consideramos que, a partir do reconhecimento do *rap* a nível nacional com a exposição dele pela mídia, houve diminuição do abuso policial nas comunidades, fazendo com que massacres, tal como o de Carandiru, não se tornassem passíveis de julgamentos tardios. O *rap* é uma voz, é uma comunidade que grita bem alto e espalha notícias por todas as zonas de uma grande cidade. Isso acarreta olhares de todas as esferas sociais e faz com que a força policial não seja usada de forma desmedida a ponto de ocasionar chacinas que poderiam ser evitadas.

Desse modo, esta pesquisa é relevante para a sociedade à medida que dialoga com um dos grupos musicais mais influentes da sociedade diante de uma análise discursiva que considera o sujeito, o do discurso, resistente; uma resistência que ecoa e ultrapassa os limites geográficos das periferias, alcança uma popularidade nunca vista para o ritmo e é ouvido, portanto, nos bairros nobres e por agentes políticos. Os Racionais MC's são representantes de um discurso que incomoda não apenas o Estado, mas os preconceitos enraizados na/pela sociedade. Dessa maneira, este estudo, além de servir de base bibliográfica para outros pesquisadores, retrata um discurso histórico da década de 1990, mas que permanece atual, visto que, embora as condições de produção sejam outras, o poder do Estado ainda é o dominante.

CAPÍTULO 1: O CAMINHO DE UM PERCURSO TEÓRICO

1.1 Pêcheux e a Análise de Discurso

É sabido que Michel Pêcheux começou seus estudos antes mesmo da designação análise de discurso e dedicava-se à noção de ideologia. Durante esse tempo, publicou dois textos ainda sob o pseudônimo de Thomas Herbert: *Réflexions sur la situation théorique des sciences sociales et, spécialement, de la psychologie sociale* em 1966 e *Remarques pour une théorie générale des ideologies* em 1968.

E, nesse percurso de construção teórica, “[...] apesar de já utilizar o termo discurso, Pêcheux está preocupado com a teoria da ideologia e sua atenção se volta aos mecanismos de funcionamento da ideologia e sua relação com a ciência.” (SIQUEIRA, 2017, p. 7). Basicamente, Pêcheux trabalhou com a ideia central de que a ciência se afasta de uma carga ideológica particularizada concreta de alguém, embora os seus resultados sirvam de interesse de um determinado grupo social, mas não são individualizados, visto que dividiu a ciência em dois pontos: “transformação produtora¹” e “reprodução metódica²”, em que se apresentam duas possibilidades de ideologia, a dos bônus científicos da pesquisa e a relação com a sociedade à qual a pesquisa está interligada. Na sequência, fomos apresentados à *Análise Automática do Discurso*, lançado em 1969, momento em que o filósofo passa a se dedicar à concepção de discurso e suas categorias constituintes.

É, pois, com o lançamento desse livro que Pêcheux começa a construir uma teoria a partir de um objeto: o discurso. Por marcar o início dessa construção teórica, é chamado de “esboço” por Maldidier (2017, p. 19), justamente por representar uma iniciativa construtiva teórica do discurso, objeto até então novo na análise linguística. Embora a considerasse através de objeto fechado, a sua teoria, a partir dele mesmo, não se fechou com esse lançamento. O teórico francês ainda não havia avançado em seus estudos no que tange ao não fechamento discursivo, essa particularidade classificada como automática perdurou em suas duas primeiras publicações de livros.

Na primeira (AD-1), datada de 1969, trabalha-se com a homogeneização do discurso. Dessa maneira, tem-se uma teoria totalmente alinhada ao assujeitamento defendido por Althusser, i.e., “[...] a partir de um corpus fechado de sequências discursivas dominado por

¹ Ibidem.

² Ibidem.

condições de produção estáveis e homogêneas, constrói o espaço da distribuição combinatória das variações empíricas dessas sequências”, afirma Brito (2012, p. 547).

Essa estabilidade, além de homogênea, foi o ponto-chave na desconsideração de outros discursos no discurso. Com isso, Pêcheux acabou corroborando o estruturalismo até então vigente nos estudos da linguagem, embora a própria Análise de Discurso (doravante AD) tenha surgido de problemáticas encontradas nessa linha teórica, principalmente quanto ao recorte saussuriano em que o mestre genebrino optou pelos estudos da língua enquanto sistema fechado em si. Como bem explica Mazzola (2015, p. 70), “A principal preocupação desse período pousava na questão do método estruturado [...]”, que nos permite depreender ser, se não uma continuidade, mas um emparelhamento com o fechamento da língua apresentado por Saussure no *Curso de Linguística Geral* apenas no que tange à ideia da “estrutura”.

Desse modo, a AD-1 configura-se enquanto um discurso fechado, o que não nos permite, enquanto analistas, sair da ideia de unidade, de homogeneidade; portanto, sem interferências de outros no discurso. Assim, “[...] é um procedimento por etapa, com ordem fixa, restrita teórica e metodologicamente a um começo e um fim predeterminados, e trabalhando num espaço em que as ‘máquinas’ discursivas constituem unidades justapostas.”, conforme Gadet e Hak (1997, p. 313). Nesse sentido, consideramos ser uma análise linear, com começo, meio e fim, ainda presa a uma estrutura já posta, ou seja, é o assujeitamento completo do sujeito à maquinaria discursiva a que pertence.

Em 1970, o filósofo francês publicou um texto em parceria com outros estudiosos da época, Antoine Culioli e Catherine Fuchs, intitulado *Considerações teóricas a propósito do tratamento formal da linguagem*, ainda ensimesmado com o estruturalismo e também voltado para construir uma noção teórica de discurso. Ainda que o discurso não fosse o objeto principal nesse texto, nas palavras de Maldidier (2017), aí ele já dá a entender por qual caminho teórico/metodológico/epistemológico se encaminharia, pois se notava uma explanação, mesmo distante, do que viria a ser trabalhado mais tarde, a formação discursiva.

Antes de *Semântica e Discurso: Uma Crítica à Afirmação do Óbvio* (1975), Pêcheux publicou alguns outros textos norteadores do que viria a ser o próprio livro, considerado por ele mesmo a sua obra mais importante. Grosso modo, passou a amadurecer suas ideias em “Língua, linguagem e discurso”, artigo de 1971, apenas como uma iniciação, pois voltou a publicá-lo meses mais tarde como “A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso”, trazendo também outros estudiosos, Claudine Haroche e Paul Henry, e já apresentou o que viria a ser desenvolvido, a noção de formação discursiva. Nesse texto, começam as suas principais críticas à semântica, trazida mais tarde como um sentido óbvio no livro de 1975. Portanto, “[...]”

desenvolve longamente a crítica do estruturalismo generalizado que, sob o nome de linguagens, estende às ciências humanas, ao estudo dos textos, ao conjunto dos objetos e dos comportamentos, as descobertas da linguística estrutural.” (MALDIDIER, 2017, p. 30), então seu foco estava em produzir uma teoria específica de métodos e objeto, saindo, dessa maneira, da generalização teórica, que, de certo modo, incluía o discurso.

Tal situação foi aprimorada na revista intitulada *Langages*, que recebeu artigos diante do seguinte escopo: *Análise de discurso, língua e ideologias*, em que apresentou um artigo. Com o número 37, é considerado como “transição” por Maldidier (2017, p. 40). No dizer da mesma autora, é nesse texto que Pêcheux marca a introdução dos estudos do sujeito e seus dois esquecimentos, aprimorado no que viria a ser lançado mais tarde.

Consequentemente, a noção de discurso fechado permaneceu na AD-2 em 1975. Com o lançamento de *Semântica e Discurso: Uma Crítica à Afirmação do Óbvio*, pouco mudou. Aqui, Michel Pêcheux esclarece fortemente a noção de formação discursiva (doravante FD), que havia sido desenvolvida até aquele momento principalmente por Michel Foucault. Paul Michel Foucault também é francês e abordou o discurso principalmente na obra *A Arqueologia do Saber* (1969), em que estuda a regularidade discursiva e diz ser o discurso regras que são determinadas no espaço e no tempo específicos, portanto, na realização do discurso, há um lugar/tempo determinado, ou seja, uma instância social, tais como a igreja, a escola etc. Dessa maneira, “Um sujeito, quando ocupa um lugar institucional, faz uso dos enunciados de determinado campo discursivo segundo os interesses de cada trama momentânea.” (GIACOMONI; VARGAS, 2010, p. 122); esses enunciados são discursos apoiados em uma formação discursiva.

A formação discursiva é assim considerada por Foucault (2009, p. 43):

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva [...]

Como bem afirmam Giacomoni e Vargas (2010, p. 124), Foucault tem como compreensão “[...] buscar as regularidades que existem por trás da dispersão de elementos (dispersão com um sentido também de diferença), regularidades estas que são resultado de um processo de formação discursiva.”. Pêcheux, então, aborda a dispersão dentro da FD, assim como as noções de interpelação e pré-construído (termo criado por Paul Henry, amigo de

Pêcheux). Além disso, a categoria interdiscurso passa a se fazer presente na AD (as categorias mencionadas serão esclarecidas em tópicos específicos).

Com isso, e embora ainda considerasse as maquinarias discursivas, passou a se dedicar à relação dessas maquinarias. Então “[...] estas relações são relações de força desiguais entre processos discursivos, estruturando o conjunto por ‘dispositivos’ com influência desigual uns sobre os outros [...]” (GADET; HAK, 1997, p. 314). Essa desigualdade acontece através das FDs que acarretam relacionamentos dentro de seu interior, mas trazidos pelo externo, i.e., o que está fora delas, e necessariamente esses relacionamentos apresentam atritos a partir do momento em que Pêcheux compreende não ser a FD uma máquina fechada em si mesma. Daí surge uma problemática quanto ao sujeito ser totalmente assujeitado ou não, pois passa a ser considerado um andante pelos diversos discursos proferidos dentro das FDs.

Na AD-2, Mazzola (2015, p. 70) classifica como “afrouxamento” o que houve acerca de algumas noções absolutamente fechadas na AD-1. A de sujeito, então, passa a ser estudada a partir dos esquecimentos 1 e 2 (veremos detalhadamente em um tópico específico) dentro da dispersão discursiva, deixando de ser homogêneo. Diante disso, “[...] o sujeito do discurso ocupa um lugar de onde enuncia, e é este lugar, entendido como a representação de traços de determinado lugar social (o lugar do professor, do político [...] que determina o que ele pode ou não dizer a partir dali.” (MUSSALIM; BENTES, 2006, p. 133), e essas FDs não são isoladas umas das outras, por isso permitem ao sujeito dispersar-se por entre elas.

Torna-se evidente uma consideração da influência externa no discurso. É nessa fase que começa a se aprimorar como se dá essa questão em decorrência de categorias que vieram a se tornar básicas para o analista. Acerca do pré-construído, Pêcheux (1995, p. 164) afirma:

Diremos, então, que o “pré-construído” corresponde ao “sempre-já-aí” da interpelação ideológica que fornece-impõe a “realidade” e seu “sentido” sob a forma da universalidade (o “mundo das coisas”), ao passo que a “articulação” *constitui o sujeito em sua relação com o sentido*, de modo que ela representa, no interdiscurso, aquilo que *determina a dominação da forma-sujeito*.

Dito de outro modo, consideramos ser o pré-construído o discurso já dito, não construído em sua totalidade, mas iniciado pelo outro, outro sujeito, que irá interpelar ideologicamente os sujeitos outros no interdiscurso; este, explicitado como “[...] ‘todo complexo com dominante’ das formações discursivas, esclarecendo que também ele é submetido à lei de desigualdade-contradição-subordinação [...]” (PÊCHEUX, 1995, p. 162), tripé que é a base da ideologia.

Portanto, todas essas categorias inseridas na AD-2 permitem-nos pensar serem fios entrelaçados na constituição do discurso, e todas elas estão dentro de uma dominação superior chamada de interdiscurso. É de dentro do interdiscurso que o discurso acontece. Considera-se também ser esse momento crucial para o avanço dos estudos pecheutianos, principalmente quando entendemos que se dá nele o estopim para a desconstrução do discurso fechado com um sujeito absolutamente inerte pela ideologia dominante. Contudo, são esses os apontamentos para os próximos estudos de Pêcheux, pois “O ano de 1975 marca o início da grande fratura, da reviravolta da conjuntura teórica que desemboca no estabelecimento de um paradigma novo.”, esclarece Malidier (2017, p. 61).

Antes de chegar aos anos 80, Pêcheux aventura-se em alguns textos, sempre em busca de compreender a relação método/objeto. “Remontemos” e “Só há causa daquilo que falha”, de 1977 e 1978, respectivamente, são artigos que mostram um filósofo insatisfeito com o até então produzido. Em ambos, Pêcheux demonstra preocupação com o discurso de resistência, conforme Malidier (2017); embora, nas palavras da autora, o francês admitisse que a ideologia dominante dominava com maestria, pois sabia como fazer esse processo. Essa questão de assujeitamento ideológico continua no artigo “Sobre a (des)construção das teorias linguísticas”, de 1982, e acaba por enfatizar acerca do poder da ideologia dominante, principalmente diante do proletariado, tornando-se, dessa maneira, um contato inevitável.

Ainda nesse início dos anos 1980, e colaborando com o livro de Courtine, *Análise do Discurso Político*, Pêcheux escreve “O estranho espelho da análise de discurso”. Nesse texto, relaciona os dispositivos analíticos da paráfrase e da repetição com o discurso político tomando como centralidade um espelho (MALDIDIER, 2017). Observa-se que o espelho é uma metáfora utilizada para representar um diálogo entre os dispositivos e o objeto, mostrando a inquietude pecheutiana com a sua teoria.

Na AD-3, já em 1983, desfaz-se o conceito de maquinaria fechada e passam a ser considerados os discursos, uns ao interpelar os outros. Para Mazzola (2015), há um distanciamento das concepções teóricas de Louis Althusser, até então vigentes, e uma aproximação ainda maior com o foucaultianismo, haja vista algumas categorias inseridas na AD-2 terem surgido daí. Marcam essa década algumas publicações importantes para os estudos discursivos e das humanidades: *O discurso: estrutura ou acontecimento?* e *Papel da memória*, ambas em 1983.

Diante dessa revisita, o próprio Pêcheux, no texto “A análise de discurso: três épocas” (1983), no livro *Por uma análise automática do discurso: Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux*, organizado por Gadet e Hak (1997), destaca três importantes pontos que diferenciam

a AD-3 das anteriores. São eles: a primazia do outro sobre o mesmo, o que destitui a noção de máquina discursiva; conseqüentemente, o discurso fixado através de etapas pré-determinadas se desfaz; e, por último, o caráter heterogêneo adquirido pelo discurso. Desse modo, passa-se a considerar as interferências de outros dizeres em qualquer discurso que vier a ser dito.

A AD passa então a atuar através de uma materialidade que envolve três eixos, um não menos importante que o outro, chamado por Brito (2012, p. 555) de “[...] triplo real: o da língua, o da história e o do inconsciente.”; diante dessa relação, em que não acontecem distanciando-se, o discurso constrói-se abarcando ditos e não-ditos, em um jogo nunca reto, mas sempre contraditório e jamais finalizado, visto que “Em outras palavras, o discurso é um lugar de rupturas, assim como a língua e a história que o engendram³”. Embora ainda tendo como *corpus* discursos político-partidários basicamente de esquerda, a AD norteia para outros *corpora*, uma vez que Pêcheux já abre possibilidades para linguagens não verbais que também apresentam materialidades significantes dotadas de contradições e/ou rupturas em sua história.

Essa época, final dos anos 1970 e início dos anos 1980, é marcante para o filósofo francês. Apesar de já estar inserido numa concepção de discurso heterogêneo, passou por muitos encontros com outros intelectuais e sempre colocando em debate seu objeto, seu método e sua teoria. Nesse sentido, permitindo uma autocrítica para a AD, essa teoria “Sempre pois a se recolocar em questão” (MALDIDIER, 2017, p. 87) na relação com outras categorias, como veremos a seguir.

1.2 Língua, fala e discurso

A priori, é preciso considerar as análises da professora/pesquisadora Eni Orlandi, uma das principais estudiosas da teoria francesa pecheutiana. Para ela, o discurso não é a fala que se opõe à língua enquanto sistema que se fecha (ORLANDI, 2000), ao trazer como princípio o que apresentou Saussure. O suíço Ferdinand de Saussure foi o mais importante estudioso da linguagem, a ponto de ser considerado o pai da Linguística; atuou no final do século XIX e início do XX, publicou em 1916 uma das obras mais importantes para as ciências humanas, o *Curso de Linguística Geral*, apresentando o estudo da língua a partir do que chamou de “estruturalismo”, tornando-se uma das principais correntes de estudos linguísticos. O estruturalismo isolou a língua como objeto de estudo, caracterizando-a enquanto ciência, e diz ser a língua natural, sem interferência externa e manipulação humana. Embora tenhamos esse

³ Ibidem.

recorte necessário para a nossa compreensão de como se manifesta, não se consegue trabalhar essas concepções de maneira autônoma, nem em oposição, contrárias umas às outras.

Em *Semântica e Discurso: Uma Crítica à Afirmação do Óbvio*, Pêcheux (1995, p. 245) afirma o seguinte:

[...] a *fala* saussuriana é, bem ao contrário, o autêntico tipo de anticonceito, um puro excipiente ideológico que vem “completar”, por sua evidência, o conceito de língua, portanto, um tapa-buraco, um remendo que oculta a “lacuna” aberta pela definição científica da língua como sistematicidade em funcionamento.

Nesse sentido, Pêcheux (1995) classifica essa relação dicotômica língua/fala como frágil. Essa fragilidade é corroborada por Orlandi, pois “[...] nem o discurso é visto como uma liberdade em ato [...], nem a língua como totalmente fechada em si mesma, sem falhas ou equívocos.” (2000, p. 22). Diante disso, ambos não se constituem como fechamento e nem como antíteses, pois dessa forma desconsideraríamos as rupturas históricas inerentes tanto em uma quanto em outra, sendo que é nessas rupturas que se apresentam as falhas, os equívocos aos quais Orlandi se refere. Para ela, “[...] é preciso que a língua como sistema sintático passível de jogo – de equívoco, sujeita a falhas – se inscreva na história.” (ORLANDI, 2000, p. 47), o que acaba por ser uma discordância da apresentação de Saussure.

Saussure apresentou a língua através da dicotomia *langue/parole*. Considerou-a como sistema em suas condições estruturais. O estudioso genebrino gostava das dicotomias e trouxe-nos o seu pensar acerca da língua através de uma: diacronia/sincronia, uma maneira de justificar as mudanças dentro dessa estrutura, desse sistema em decorrência do avanço do tempo, da globalização, da contemporaneidade. Porém, não foi suficiente o bastante para as críticas. Nesse contexto, é a partir de então que surgem outras teorias da linguagem e ocorre a chamada virada linguística do século XX. As dicotomias saussurianas acarretaram um deslocamento de todo o resto constituinte da linguagem humana para a *parole*, embora a própria fala não abarque a concepção do que venha a ser o discurso.

Diante disso, da língua/fala/discurso, torna-se pertinente a definição trazida por Francine Mazière:

Quando Saussure opõe *língua* e *fala*, ele opõe uma forma contratualizada em sociedade, coletiva, a *língua*, a uma forma individualizada, a *fala*. O discurso propriamente não é individual. Ele é manifestação atestada de uma sobredeterminação de toda fala individual. (2007, p. 13).

A fala recai em uma propriedade individual a ser utilizada da forma que o indivíduo “quiser” dentro da ideologia que lhe “convém”. A língua, portanto, assemelha-se a uma camada acima do indivíduo enquanto sistema utilizável por todos, mas não imutável. Por ser estrutura, Saussure eliminou as mudanças da língua em suas relações sociais do eu com o outro e com a história e suas rupturas, se não totalmente, mas as deixou à margem, pois a língua é definida por ele como regras formais, portanto sistema, é uma noção de começo e fim, fechamento, completude, norma, gramática. Já o discurso, nas considerações de Orlandi (2000), é aberto, incompleto.

Salienta-se a intrínseca relação entre as concepções, é através de uma que a outra se manifesta. O sujeito é assujeitado à língua pelo fato de esta ser como uma base, conforme Orlandi (2000), mas a AD compreende a língua não apenas enquanto estrutura (como fez Saussure), mas também enquanto acontecimento, nas palavras da mesma autora, que, por ser passível de interpretação, tem deslizos, equívocos. E isso acontece por causa da relação inerente entre a língua e a história. A história por si só apresenta rupturas. Com isso, atinge a língua. Esse movimento de ligação fica bem nítido na explanação a seguir: “Fala-se a mesma língua mas se fala diferente. Pelo efeito metafórico. Esse deslize, próprio da ordem do simbólico, é o lugar da interpretação, da ideologia, da historicidade.” (ORLANDI, 2007, p. 81); e é no efeito metafórico que se encontra a relação entre língua e discurso, pois, conforme Pêcheux (1995), isso fica notório a partir da substituição de contexto/interlocutores, em que a mesma situação é dita com as mesmas palavras, mas de formas diferentes e/ou em ordens de uso das palavras diferentes, podendo ainda acrescentá-las ou diminuí-las.

Pêcheux (1995) explica que essa diferenciação entre língua e discurso (que não é a fala) está interligada com as classes sociais. Para ele, a autonomia da língua é relativa, haja vista que será utilizada para atender à classe social na qual está inserida, embora não se dividam para tal. Nisso,

Dizemos que esses dois elementos (a um só tempo, fenômenos linguísticos e lugares de questões filosóficas) pertencem à região de articulação da Linguística com a teoria histórica dos processos ideológicos e científicos, que, por sua vez, é parte da ciência das formações sociais: o sistema da *língua* é, de fato, o mesmo para o materialista e para o idealista, para o revolucionário e para o reacionário, para aquele que dispõe de um conhecimento dado e para aquele que não dispõe desse conhecimento. Entretanto, não se pode concluir, a partir disso, que esses diversos personagens tenham o mesmo *discurso*: a língua se apresenta, assim, como a *base* comum de *processos* discursivos diferenciados, que estão compreendidos nela na medida em que, [...], os processos ideológicos simulam os processos científicos. (PÊCHEUX, 1995, p. 91).

Evidencia-se, dito isso, que em ambos há a interferência ideológica. Portanto, embora tenhamos uma língua como base, os discursos são diferentes em decorrência dessa interferência. Como bem afirma Orlandi (2000), é no discurso que a relação língua/ideologia acontece, o que corrobora Pêcheux (1995) ao dizer que não há um sem o outro. Portanto, existe uma intrínseca relação entre língua, sujeito, ideologia e discurso. “O discurso é pois um elemento particular da materialidade ideológica” (ORLANDI, 2012, p. 45) que se exterioriza na fala, que é individual, através da língua, que é base comum, porém dotada de ideologias diversas nas formações discursivas nas quais o sujeito é inserido.

Para Fiorin (1998), a língua é um sistema porque apresenta em seu espectro conjuntos que compreendem léxicos e elementos gramaticais que, dentro de uma determinada comunidade, se organizam através de normas que se combinam. Mas, dentro da própria estrutura, a língua é passível de modificações, na medida em que “[...] altera-se devido a causas internas do próprio sistema.” (FIORIN, 1998, p. 12). Na diferenciação de discurso da fala, esse autor afirma:

O discurso são as combinações de elementos linguísticos (frases ou conjuntos constituídos de muitas frases), usadas pelos falantes com o propósito de exprimir seus pensamentos, de falar do mundo exterior ou de seu mundo interior, de agir sobre o mundo. A fala é a exteriorização psico-físico-fisiológica do discurso. Ela é rigorosamente individual, pois é sempre um *eu* quem toma a palavra e realiza o ato de exteriorizar o discurso. (FIORIN, 1998, p. 11).

Dito de outro modo, a língua é um sistema comum para todos, o discurso torna-se a escolha do que o indivíduo irá representar com o uso lexical/gramatical (língua enquanto sistema/estrutura), e a exteriorização de tudo isso é a fala, individual, pois depende da escolha de cada um. Embora passível de mudanças, para Fiorin (1998, p. 12), a fala não se altera por causa de influências sociais, visto que ela é uma “[...] exteriorização do discurso.”; ainda, a língua, mesmo tendo uma relação social, detém uma “[...] certa autonomia em relação às formações sociais.⁴”. O fato é que “É no nível do discurso que devemos, pois, estudar as coerções sociais que determinam a linguagem.” (FIORIN, 1998, p. 16), e uma dessas coerções chama-se ideologia.

⁴ Ibidem.

1.3 Ideologia

A categoria de ideologia pecheutiana advém de Louis Althusser, um filósofo francês de origem argelina que lançou a obra *Aparelhos Ideológicos de Estado* (1980), tornando-se um dos principais estudiosos do século XX; Althusser faz uma releitura do que foi apresentado por Karl Marx através das classes sociais. Os estudos de Marx são reconhecidos como “Marxismo” e colocam a luta de classes como a base para uma compreensão de desenvolvimento social, de origem alemã, entendendo a sociedade a partir de divisões sociais, principalmente de burgueses e proletários, i.e., dominantes e dominados.

Conforme Althusser (1980, p. 69), Marx defendeu uma noção que se opunha ao que se vinha debatendo até então acerca da ideologia enquanto “[...] teoria (genética) das ideias.”. Nesse caso, o genético desconsidera as relações sociais através da principal característica da teoria de Marx, a luta de classes; além disso, acarreta um indivíduo em que tudo nele é depositado, assemelhando-se, portanto, a um fenômeno da natureza inerente ao ser humano. Em oposição, Marx trouxe um caráter político-ideológico para essa concepção e levou a ideologia a ser considerada uma representação do indivíduo dentro de um determinado grupo social, embora seja passível de críticas até mesmo de Althusser.

Althusser (1980) considera então a ideologia a partir de dois pontos cruciais, o particular e o geral, embora esta última seja uma tentativa de teorização diferente da apresentada pelos aparelhos ideológicos de Estado por ter em sua definição teórica uma noção abstrata. É diante da teoria da ideologia em geral que o estudioso elabora uma explanação crítica a Marx, que considerou a ideologia como vazia, comparando-a com um sonho, ou seja, sem história, em que a história estaria por fora. Com isso, Althusser considera negativa essa análise e parte para uma teoria geral, da mesma forma que Marx, porém por um espectro que o distancia do positivismo-historicista. Assim,

Althusser acusa o humanismo e o economicismo de compartilhar essa mesma concepção “historicista”. Sua intervenção surge tanto a partir de uma preocupação com a racionalidade e com um modo *teórico* relativamente autônomo de validade conceitual quanto com o fato de ser ela uma polêmica política. (CENTRE FOR CONTEMPORARY CULTURAL STUDIES, 1983, p. 102).

Dito isso, ficamos diante de um paradoxo althusseriano. De um lado, a ideologia com sua história própria; do outro, sem história. Em outras palavras, a ideologia é histórica em decorrência de sua inserção na história da humanidade através da luta de classes sociais,

portanto eterna. Se é eterna, ela está sempre aí. Em contrapartida, por estar sempre aí, torna-se sem história, visto que é englobada em algo ainda mais amplo, “*omni-histórica*” (ALTHUSSER, 1980, p. 75), que considera a sua estrutura e o seu funcionamento imutáveis, subjetivos, “inconscientes”.

Podemos mencionar, ainda, que uma das principais críticas, quiçá a principal, de Althusser ao trabalho marxista é o fato de o aspecto econômico aparecer sempre em primeiro lugar como a referência para as formações de classes sociais, isso porque, para o estudioso, “[...] as mais importantes condições de existência de uma formação social não são necessariamente econômicas.” (CENTRE FOR CONTEMPORARY CULTURAL STUDIES, 1983, p. 104).

Tal situação tornou-se notória a partir da releitura feita por Althusser dos principais textos de Marx, desde *A favor de Marx* (1969) até *Ideologia e os Aparelhos Ideológicos de Estado* (1980). É neste último que passamos a trabalhar a ideologia como uma representação “[...] indispensável a qualquer formação social dada, mas dotada de uma existência e função histórica particular dentro daquela formação social dada, cuja função prático-social é mais importante do que a função teórica (como conhecimento).” (CENTRE FOR CONTEMPORARY CULTURAL STUDIES, 1983, p. 111). Essa noção ainda permeia os estudos das ciências humanas e, ainda que não esteja fechada, constitui-se como a principal acerca de como a ideologia se consolidou socialmente.

Para Althusser (1980), é através do Estado que a ideologia nos é apresentada como uma imposição, e o sistema capitalista nos é mostrado através de várias repartições que o representam – o Estado –, principalmente a escola. Dessa maneira, a reprodução do que é dominante torna-se naturalizada. Pode-se considerar que a ideologia é presença constante e inerente ao indivíduo em sociedade, embora seja intersubjetiva.

Outra inquietação constante nos trabalhos críticos althusserianos está relacionada à desgastante tentativa de separar ciência de ideologia, ou, ao menos, distinguir que a última não pode ser presença marcante da primeira. Nesse sentido, e como a ideologia é definida em *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado* (1980) como transformação prática-social, é nesta que se distancia a ciência, considerada como uma prática também, porém fruto de uma teoria que decorre de um produto e não primordialmente relacionada com a experiência, como acontece na anterior. É nessa interface que Althusser distancia-se de Pêcheux quando ainda publicava sob pseudônimo, visto que acreditava ter a ciência uma determinada carga ideológica (detalharemos no próximo tópico). No entanto, os estudos já vinham avançando no sentido de uma divisão entre os pares.

Então, duas teses althusserianas norteiam o pensamento de Pêcheux: “1 – Só existe prática através e sob uma ideologia; 2 – Só existe ideologia através do sujeito e para sujeitos.” (ALTHUSSER, 1980, p. 91), o que nos permite depreender muitas análises a partir dessas duas teses basilares. Por mais que o teórico francês tenha trazido uma concepção de resistência do sujeito ao discurso dominante e dessa forma se distanciando um tanto quanto dessa noção, é dessas premissas que nasce a sua filosofia no que tange principalmente ao assujeitamento, até pelo fato de elas se encontrarem em *Semântica e Discurso: Uma Crítica à Afirmação do Óbvio* (1995)⁵.

1.3.1 Pêcheux: formações ideológicas, ideologia dominante e ideologia geral

Sabe-se que Pêcheux iniciou seus trabalhos científicos/acadêmicos com a tentativa de elaborar uma teoria própria de ideologia, como foi mencionado rapidamente no tópico anterior. Ainda como Thomas Herbert, considerou-a a partir de duas interfaces: forças produtivas e relações de produção, no que Althusser (1980) irá considerar como a composição de uma formação social que acarreta uma reprodução constante. Ainda por esse prisma, Pêcheux dividiu a ideologia em pontos “A” e “B”. No primeiro, de caráter empírico, tinha “[...] como objetivo ligar a significação à realidade, manter uma correspondência ‘correta’ entre ambos.”; já o segundo, “[...] como condição indispensável das práticas políticas e essas, por sua vez, têm no discurso, a forma de sua transformação.” (SIQUEIRA, 2017, p. 11-12). De certo modo, consideramos que é a partir do ponto “B” que os estudos avançam, pois sobressai o dito político/ideológico passível de rupturas.

Por isso, Pêcheux (1995, p. 144) afirma que “[...] as ideologias não são feitas de ‘ideias’ mas de práticas.”. Com isso, o autor já se encaminhava para uma compreensão materialista da análise de discurso. Para Pêcheux (1995), a ideologia acontece dentro de cada um desses aparelhos (Estados, igrejas etc.), portanto cada um a seu modo e de acordo com seus interesses, desmistificando a ideia de igualdade produtiva/reprodutiva de Althusser (1980) e a centralidade de uma ideologia apenas no viés econômico, defendida por Marx. Por isso, as condições de (re)produção modificam-se e acontecem nas “[...] relações de contradição-desigualdade-subordinação [...]” (PÊCHEUX, 1995, p. 145), concentradas dentro dos aparelhos ideológicos de Estado, como igrejas, escolas, departamentos jurídicos etc. Esses são classificados como

⁵ Para saber mais, ver página 149 desse livro.

instâncias ideológicas concretas possuidoras de características regionais, portanto denominadas formações ideológicas.

A partir da consideração de várias instituições que formam uma sociedade em classes, e nas lutas de interesses de cada uma, que não significa ser apenas no plano econômico, podemos compreender que não temos uma ideologia no sentido de ser única, visto que cada classe social tem o seu discurso. Dessa maneira, e apesar de se considerar existir uma ideologia dominante que atende aos interesses do Estado, ela não está sozinha a se sobrepor sobre os dominados como elementos que aceitam quaisquer coisas, o que refutaria suas coletividades. Corroboram-se as palavras pecheutianas:

Resumindo: a objetividade material da instância ideológica é caracterizada pela estrutura de desigualdade-subordinação do “todo complexo com o dominante” das formações ideológicas de uma formação social dada, estrutura que não é senão a da contradição/transformação que constitui a luta ideológica de classes. (PÊCHEUX, 1995, p. 147).

É nesse “todo complexo” que estão as classes sociais com o Estado se caracterizando como o dominante. Embora seja paradoxal, a ideologia dominante não é imposta e, conseqüentemente, aceita de forma passiva pelos dominados, haja vista que cada um desses é dotado de interesses individuais/coletivos. Nesse sentido, ocasiona-se um choque ideológico, uma resistência à tentativa de inculcação da ideologia do outro. Considera-se ser daí que surgem os conflitos/lutas entre as classes sociais.

As formações ideológicas se reafirmam em sociedade perante a tese principal althusseriana e tomada como pressuposto por Pêcheux (1995, p. 148): “A *ideologia interpela os indivíduos em sujeitos*”. Esse sujeito é o subjetivo, ele ainda não é sujeito, está vazio. Porém, ao nascer, torna-se carregado ideologicamente, e essa carga advém da família, do que ela acredita, do espaço em que vive. Portanto, é inerente. A ideologia irá se concretizar através do sujeito, do discurso, da linguagem, portanto materialidade. Nessa relação, acontece “[...] um *efeito retroativo* que faz com que todo indivíduo seja ‘sempre-já-sujeito’” (PÊCHEUX, 1995, p. 155), até pelo fato de que a família já começa a prescrever comportamentos sociais antes mesmo do nascimento, a supor situações, profissões, planos que respingam com uma carga ideológica que acaba influenciando o indivíduo a tornar-se sujeito, logo ele já nasce sendo apresentado à ideologia familiar.

Essa ideologia da qual todo sujeito faz parte, essa interpelação ideológica que o constitui sujeito, é a ideologia geral, e dela não se desprende. É indissociável. Nesse sentido, “[...] não se rompe jamais com a ideologia em geral, mas sempre com esta ou aquela formação ideológica,

inscrita histórico-materialmente no conjunto complexo das formações ideológicas de uma formação social dada.” (PÊCHEUX, 1995, p. 257); dito de outro modo, a ideologia geral é pelo fato de o sujeito ser interpelado e não sair disso, ele precisa de ideologia para ser sujeito; as formações ideológicas são as diversas concepções grupais que se encontram na sociedade. A ideologia dominante é aquela seguida pelos mais privilegiados, defendida pelo Estado e pela “maioria” da sociedade, envolve também uma tradicionalidade, a exemplo do casamento tradicional entre homem e mulher.

Como bem afirma Orlandi (2007, p. 31), “Redefinindo, assim, a ideologia discursivamente, podemos dizer que não há discurso sem sujeito nem sujeito sem ideologia.”, é um imbricamento que se torna com caráter indissociável em que não se pode falar de um e não falar do outro. A ideologia se manifesta através do sujeito que profere o discurso, materializando-o. Mesmo sendo subjetiva, é a ideologia que interpela o indivíduo e o torna sujeito assujeitado à língua enquanto base estrutural. Desse modo, a ideologia sempre se ressignifica em contato com a realidade, que se indissocia daquela. Para Orlandi (2000), uma não existe sem a outra.

É no social que a ideologia se consolida, com aspectos que identificam o sujeito neste e/ou naquele grupo, à formação discursiva. Nesse contexto, temos:

A esse conjunto de ideias, a essas representações que servem para justificar e explicar a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que ele mantém com os outros homens é o que comumente se chama ideologia. Como ela é elaborada a partir das formas fenomênicas da realidade, que ocultam a essência da ordem social, a ideologia é “falsa consciência”. (FIORIN, 1998, p. 28).

Torna-se, com isso, algo já existente e em constante circulação entre os indivíduos. A “falsa consciência” reside justamente na errônea interpretação de que o indivíduo escolhe a qual ideologia pertencer, no sentido de ser o estopim, o surgimento, algo novo. Então, o que acontece é que o sujeito, o subjetivo, é inserido em uma ideologia já aí. Por isso, acredita-se e fala-se que a ideologia ordena os indivíduos que, enquanto sujeitos, são interpelados inconscientemente a seguirem determinadas cargas ideológicas sociais. Nas palavras de Orlandi (2000, p. 46), “Este é o trabalho da ideologia: produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência.”, ou seja, nessa relação de existência, é um no/pelo outro.

1.4 Formação Discursiva

Não se tem como objetivo discutir a partir de quem surgiu a noção de FD, pois se considera ser de maior relevância o debate acerca do que vem a ser. Em linhas gerais, e embora a maioria dos pesquisadores defendam que Pêcheux tenha tido como base a FD foucaultiana, Baronas permite-nos pensar sobre o seguinte:

Chamo atenção para o fato de que o conceito *formação discursiva* embora não esteja desenvolvido, está enunciado desde 1968, data da publicação do artigo de Culioli, Pêcheux e Fuchs⁶. O que me possibilita asseverar que, pelo menos no seu processo de gestação, esse conceito não veio da *A Arqueologia do Saber* de Michel Foucault, cuja primeira publicação data de 1969. (BARONAS, 2011, p. 205).

Para o autor, apesar de já existirem antes da publicação foucaultiana debates acerca de seu próprio livro no rol dos intelectuais da época, é em nota de rodapé que aparecem suas primeiras considerações. Ainda, “É possível então asseverar que essa noção tem uma paternidade partilhada: inicialmente a de Pêcheux em 1968 e depois a de Foucault em 1969” (BARONAS, 2011, p. 206). O fato é que é a partir do entendimento tanto de Foucault quanto de Pêcheux que a categoria FD foi sendo estudada tendo esses dois teóricos como os principais que levantaram tal questão. No entanto, neste trabalho nos limitaremos ao apresentado pelo segundo.

Para tanto, há a necessidade, apenas para situar, de ver como Baronas (2011, p. 205) afirma ter surgido pela primeira vez a noção de FD em 1968: “[...] penso que esse conceito tenha derivado do paradigma marxista *formação social*, *formação ideológica* e, a partir daí, *formação discursiva*”, e Maldidier (2017, p. 43) dá-nos a entender que “Não era suficiente ter introduzido a *formação discursiva*, no modelo da *formação social* e *formação ideológica*, para fazer dela um conceito claro.”, ao menos asseverando que uma serviu de base formativa para a outra. O vocábulo “formação” presente em ambos permite-nos interpretar não estar definido, pois apresenta um sentido de continuação, de estar sempre em formação; conseqüentemente, novas noções são acrescidas à medida que os estudos avançam, que decorrem também das materialidades que foram surgindo nesse percurso, embora saibamos que, durante um período, basicamente nos anos 80, a FD deixou de ser prioridade dos estudiosos da época. Isso

⁶ Para mais informações, ler: BARONAS, Roberto Leiser. Ainda sobre formação discursiva em Pêcheux e em Foucault. In: BARONAS, Roberto Leiser (Org.). *Análise de discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2011. p. 199-212.

desencadeou uma lacuna em relação às pesquisas, em que poderíamos ter mais discussões acerca dela. E torna-se até incompreensível esse afastamento, visto que foi nos anos 70 que a FD estava em evidência, principalmente por causa do lançamento do livro *Semântica e Discurso: Uma Crítica à Afirmação do Óbvio* (1975).

Antes disso, em 1971, Pêcheux deu a entender que se dedicaria aos desdobramentos da categoria FD, pois já surge como tal e com maior desenvoltura no artigo “A semântica e o corte saussureano: língua, linguagem e discurso”, com Haroche e Henry. Nesse texto, os autores trabalham junto à outra questão não menos discutida, a de formação ideológica. Esta “[...] sendo dada uma formação social a um momento determinado de sua história, ela se caracteriza, por meio do *modo de produção* que a domina, por um estado determinado pela *relação entre classes* que a compõem.” (BARONAS, 2011, p. 27). Nesse estreitismo de situações, acontece o que os autores Haroche, Pêcheux e Henry classificam como “hierarquia” entre as classes, sendo que essas classes apresentam comportamentos que se opõem umas às outras em decorrência de “[...] posições políticas e ideológicas [...]”⁷. Essas posições políticas e ideológicas são chamadas de “práticas” e são determinadas pelos aparelhos de Estado, como igreja, polícia etc.

É daí que surgem os conflitos, pois essas classes tentam marcar território, umas tentando emergir; outras, se sustentar como dominantes. Por isso, dizem “[...] que não são nem ‘individuais’ e nem ‘universais’ [...]” (BARONAS, 2011, p. 27), i.e., caracterizam-se como grupais e de interesses coletivos dos membros desses grupos específicos. Então não é universal porque não é única; e nem individual, pois não representa o interesse de uma pessoa apenas. E é através desse embrulho que os autores explicam a FD:

Avançaremos, apoiando-nos sobre grande número de observações contidas naquilo que denominamos “os clássicos do marxismo”, que as formações ideológicas assim definidas comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias *formações discursivas* interligadas, que determinam *o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura dada: o ponto essencial aqui é que *não se trata apenas da natureza das palavras empregadas, mas também (e sobretudo) de construções nas quais essas palavras se combinam*, na medida em que elas determinam a significação que tomam essas palavras: como apontávamos no começo, as palavras mudam de sentido segundo as posições ocupadas por aqueles que as empregam. (BARONAS, 2011, p. 27-28).

⁷ Ibidem.

Representa, portanto, o grupo ao qual pertence esse sujeito posicionado socialmente e apresentado ideologicamente, submetido à ideologia. Nessa definição, alguns pontos fazem-nos compreender que a FD é dotada de uma ideologia, fato notório a partir dos termos “posição dada”, “conjuntura dada”, além do “que pode e deve ser dito”. No final da citação, o sentido das palavras muda de acordo com quem as usa, revela ideologias dominantes e dominadas, que dão sustentação às FDs e passam a representar FDs dominantes e dominadas que, apesar de interligadas, se posicionam em conflito e não se permitem interferir umas nas outras, fecham-se em seus próprios interesses a partir das palavras carregadas de sentidos diversos, a depender de quem as usa. Isso deu um caráter homogêneo às FDs no que tange a cada uma defender o que lhe é peculiar.

Dessa maneira, no artigo publicado em 1971, Baronas (2011, p. 219) afirma o seguinte: “Os autores propõem uma teoria da leitura que busca reconhecer a ideologia em sua realidade de linguagem. Eles mostram que o dito é precedido, sustentado, articulado, pelas estruturas da língua, em particular pela ordem rigorosa de regras sintáticas”, que desemboca em um caráter regulador do “[...] *que pode e deve ser dito* [...]” dentro de uma FD (BARONAS, 2011, p. 27). Como bem afirma Branca-Rosoff,

Simetricamente, o sentido se constitui no interior de uma formação discursiva e as palavras mudam de sentido ao mudar de formação discursiva. Uma FD não tem sentido a não ser quando “delimitada” (portanto definida) pelo que lhe é exterior, de tal maneira que nas fronteiras podem ser posicionados os pontos de enfrentamento polêmicos. (2011, p. 219).

Por isso que a FD sempre foi questionada acerca, principalmente, do que acontece a partir do contato de ideologias na fronteira limítrofe que marca esse “embate”. Durante seu início, pesquisadores a consideraram como fechada, pois o contato com os outros discursos acontecia nessa fronteira, mas não adentravam a FD. Com isso, Branca-Rosoff diz que, no início de sua formulação, a FD “[...] possui uma homogeneidade que permite supor a existência de linhas que demarcam claramente as formações adversas.” (2011, p. 220). Porém, isso não se sustentou.

Embora em *Semântica e Discurso: Uma Crítica à Afirmação do Óbvio* (1995) ainda permanecessem resquícios dessa ideia, segundo diz Maldidier, “A observação conduz a colocar um laço entre o efeito subjetivo ligado à linguagem e a produção do sentido no interior da formação discursiva.” (2017, p. 43). E é nessa obra, considerada por Pêcheux como sendo a mais importante de sua autoria, que o autor “[...] relaciona a formação discursiva com o interdiscurso, o que lhe dá gás teórico e analítico para explicar a dissimulação da formação

discursiva.” (SIQUEIRA, 2017, p. 43). Observa-se que há uma problemática em explicar como essa FD restringe-se em seu discurso, se acontece dentro de si mesma uma dissimulação, um movimento de palavras que mudam de sentido a partir de quem as usa, quando e como as usa, principalmente após a admissão da relação do interdiscurso com a FD. Isso porque o interdiscurso relacionado à FD “[...] é aquilo que está na diferença entre elas, que se situa em seus pontos de troca, de relação.” (SIQUEIRA, 2017, p. 44). Então se questiona: como uma FD se delimita quando o interdiscurso lhe dá possibilidades de “trocas”, “relações”, e até mesmo de “mudanças”?

Pêcheux (1995) retoma a definição de FD apresentada em 1971 com Haroche e Henry e acrescenta o seguinte:

Isso equivale a afirmar que as palavras, expressões, proposições, etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas: retomando os termos que introduzimos acima e aplicando-os ao ponto específico da materialidade do discurso e do sentido, diremos que os indivíduos são “interpelados” em sujeitos-falantes (em sujeitos de *seu* discurso) pelas formações discursivas que representam “na linguagem” as formações ideológicas que lhes são correspondentes. (PÊCHEUX, 1995, p. 160-161).

Isso implica uma espécie de divisão, de várias FDs que, apesar de manterem contato, se dissociam por causa de suas ideologias e não se imbricam pelo mesmo motivo. Por isso, Pêcheux, Haroche e Henry (1971) irão dizer que as palavras adquirem sentidos diferentes a depender da posição do falante, ou seja, da FD desse falante.

Desde o seu início, a FD já se encaminhava para ser considerada enquanto um aporte que não se fecha em si para o que está ao seu redor, o que passou a caracterizar influências externas de outras FDs, principalmente quando é remetida às posições sociais de quem utiliza as palavras. Então, já era possível notar que a FD consideraria discursos outros atravessando-a, principalmente nos estudos de Courtine (1981 apud BARONAS, 2011, p. 220) em que afere que “[...] o discurso é perpassado pelo interdiscurso, que é inteiramente constituído por suas relações com outras vozes”. Daí se observa que há uma possibilidade de confrontos que antagonizam a partir da posição que o sujeito ocupa submetido às ideologias.

1.5 Memória, acontecimento e interdiscurso

Pelas palavras de Orlandi (2000, p. 30), “Também a memória faz parte da produção do discurso.”. Assim, precisa-se considerar que há uma relação entre as categorias descritas por

Pêcheux, haja vista ser uma teoria que estava em construção, por isso o surgimento de outras categorias de análise no interior da AD, a exemplo da categoria ‘acontecimento’, presente na chamada AD-3.

Desse modo, e como bem asseverou Pêcheux (2020), a memória não tem caráter individualista e nem pode ser entendida enquanto tal. A memória deve ser considerada como “[...] sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador.” (PÊCHEUX, 2020, p. 46). É o que fica instaurado a partir de determinadas práticas sociais, de envolvimento cuja situação permite ao sujeito reativar esse mecanismo sempre que toma o discurso; essa reativação é decorrente da regularidade, que é o papel da memória, e se dá através de implícitos retomados e repetidos em forma de paráfrases, é o pré-construído, é o discurso dito retornando no discurso atual do sujeito.

Embora a memória seja passível de esquecimentos e de falhas, é justamente nesses esquecimentos e falhas que se encontra a noção de acontecimento. Para tanto, “[...] o acontecimento, no caso, desloca e desregula os implícitos associados ao sistema de regularização anterior” (PÊCHEUX, 2020, p. 49). Por causa disso, e não só, é que o discurso é heterogêneo, incompleto, não transparente e admite diversas interpretações.

Assim, a memória tenta regular o discurso, mas o acontecimento é o responsável pela (des)regularização. Nesse sentido, e para exemplificar seu dizer, Pêcheux apresenta duas situações que acontecem nesse contato entre a memória e o acontecimento:

- um jogo de força que visa manter uma regularização pré-existente com os implícitos que ela veicula, confortá-la como “boa forma”, estabilização parafrástica negociando a integração do acontecimento, até absorvê-lo e eventualmente dissolvê-lo;
- mas também, ao contrário, o jogo de força de uma “desregulação” que vem perturbar a rede dos “implícitos”. (PÊCHEUX, 2020, p. 49).

Então, essa regularidade tentada pela memória não é inviolável, pois acaba sofrendo interrupções assim que se encontra com o acontecimento, e é nesse confronto que acontecem as falhas. Assim, não se observa uma memória estável/estagnada, visto que é confrontada a toda tomada de discurso. Como bem considera Pêcheux (2020), a memória está envolvida por contradições diversas e jamais pode ser considerada homogênea.

Por sua vez, a memória tem como função “[...] a de estabilizar um discurso, no entanto, é uma estabilização frágil, que pode ser quebrada a cada novo acontecimento discursivo.”, como bem considera Siqueira (2017, p. 99). Diante dessa perspectiva de atuação da memória, considera-se ser ela heterogênea, haja vista ser “quebrada” e, por conseguinte, também sofrer

com discursos outros que se atravessam entre si. E é diante desse entrecruzamento discursivo por discursos ditos, pré-construídos, que a memória retoma o interdiscurso e exerce uma relação com ele.

Ao considerar as palavras de Orlandi (2000, p. 31), o interdiscurso “[...] é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente.”; tornando-se, com isso, parte da memória, principalmente quando esta atua na retomada de discursos ditos, ou, como considerado por Orlandi (2000), esses ditos que são retomados são a própria memória discursiva. Isso permite ao analista compreender que não há memória vazia e nem estagnada, ela sempre se movimenta modificando-se em decorrência do interdiscurso e do acontecimento, carregados de posicionamentos sócio-históricos. Ainda, e pelo fato de não haver estabilidade, por mais que seja essa a função da memória, ela se torna irregular quando encontra o acontecimento, com falhas e equívocos. O interdiscurso está relacionado ao intradiscurso, considerado por Pêcheux (1995) como sendo o discurso do sujeito e sua intrínseca relação consigo próprio, e é essa relação que, inconscientemente, permite ao sujeito do discurso uma autoanálise entre os seus discursos: de antes, de agora e o que dirá depois.

Pêcheux (2020, p. 53) definiu a memória, com essas relações, com as seguintes palavras: “E o fato de que exista assim o outro interno em toda memória é, a meu ver, a marca do real histórico como remissão necessária ao outro exterior, quer dizer, ao real histórico como causa do fato de que nenhuma memória pode ser um frasco sem exterior.”, i.e., é atravessada por discursos construídos sócio-historicamente, o que impede de ser possuída por uma regularidade linear. Assim, dá-se “[...] o *acontecimento*, no ponto de encontro de uma atualidade e uma memória.” (PÊCHEUX, 2015, p. 16). E, nesse ponto de encontro, acontecem divergências que fazem com que o sujeito retome, esqueça, rompa o seu discurso.

1.6 Sentido

O sentido é tanto quanto o sujeito: incompleto, pois não há um sentido estável nas palavras nem no discurso. Para Orlandi (2007, p. 27), “O sentido, para a AD, não está já fixado a priori como essência das palavras, nem tampouco por ser qualquer um: há a determinação histórica. Ainda um entremeio” porque depende também da conjuntura sócio-histórica em que se encontra o sujeito, ou seja, as palavras não são dotadas de sentidos estáveis/estabilizados.

Com isso, o sentido se dá a partir do momento exato do discurso, refutando uma completude, visto que “[...] sujeito e sentido não podem ser tratados como já existentes em si, como a priori, pois é pelo efeito ideológico elementar que funciona, como se eles já estivessem

sempre lá.” (ORLANDI, 2007, p. 28). Ao considerar as palavras da mesma autora, o sentido não é passível de algo anterior, pois ele acontece a partir de relações, de encontros de discursos. Desse modo, o sentido sempre leva em consideração a posição-sujeito, uma vez que “O sentido é sempre sentido *para*, e não sentido em si.”, como bem considerado por Orlandi (2007, p. 95).

Essa desvinculação de uma ideia unívoca de que as palavras têm sentidos únicos também foi uma consideração de Pêcheux. Para ele, “[...] as palavras, expressões, proposições, etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas [...]” (1995, p. 160-161), i.e., o sentido não existe a partir de si, ele vem de uma relação com o social, o histórico, o ideológico.

Para tanto, Pêcheux (1995) defende que as pessoas identificam o que são determinados posicionamentos sociais (um *rap/hip-hop*, por exemplo) a partir do que classificou como “caráter material do sentido”, e utilizou duas especificidades para exemplificar seu pensamento:

- 1) A primeira consiste em colocar que o *sentido* de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). (PÊCHEUX, 1995, p. 160).

Dito isso, faz-se a mesma analogia com o sujeito do discurso. É uma ilusão ao se acreditar que o sentido é único e está dentro de si mesmo. O segundo ponto abordado pelo filósofo francês refere-se às formações discursivas, pois estas atuam na dissimulação de uma possível dependência com o interdiscurso, chamado por Pêcheux de “[...] todo complexo com dominante [...]” (1995, p. 162), ou seja, explica as contradições dentro das formações discursivas, contradições essas oriundas dos discursos já ditos, havendo sempre um discurso-outro.

1.7 Condições de Produção

A noção de Condições de Produção (doravante CP) teve origem também com os estudos de Michel Pêcheux. De acordo com Brandão (2004), foi o francês que começou a definir, embora ainda em linhas gerais, um conceito para essa categoria de análise.

As CP resultam, pois, da formação do discurso, de como ele é formado e quais são os atravessamentos que o constituem de acordo com o que Pêcheux chamou de “[...] circunstâncias’ dadas.” (1997, p. 74). Desse modo, leva-se em consideração o seu “contexto”

de produção, que envolve a ideologia do momento, o que mais está sendo dito, reproduzido, a partir de qual posição-sujeito, quais os confrontos das formações discursivas etc.

Pelas palavras de Ferreira (2001, p. 13), as CP “São responsáveis pelo estabelecimento das relações de força no interior do discurso e mantêm com a linguagem uma relação necessária, constituindo com ela o **sentido** do texto.”, e é nessas relações de forças que acontece o jogo entre a posição do sujeito do discurso ao enunciar, a do outro e o contexto social-histórico no qual se encontra, como corrobora Siqueira (2017). Assim, as CP não envolvem linearidade, não existe uma regularidade temporal a ser analisada, visto que são passíveis de interferências de discursos e sujeitos outros.

Pêcheux vai dizer o seguinte:

Em outras palavras, um discurso é sempre pronunciado a partir de *condições de produção* dadas: por exemplo, o deputado pertence a um partido político que participa do governo ou a um partido da oposição; é porta-voz de tal ou tal grupo que representa tal ou tal interesse, ou então está “isolado” etc. Ele está, pois, bem ou mal, situado no interior da *relação de forças* existentes entre os elementos antagonistas de um campo político dado: o que diz, o que anuncia, promete ou denuncia não tem o mesmo estatuto conforme o lugar que ele ocupa; a mesma declaração pode ser uma arma temível ou uma comédia ridícula segundo a posição do orador e do que ele representa, em relação ao que diz: um discurso pode ser um ato político direto ou um gesto vazio, para “dar o troco”, o que é uma outra forma de ação política. Podemos evocar aqui o conceito de “enunciado performativo” introduzido por J. L. Austin, para sublinhar a relação necessária entre um discurso e seu lugar em um mecanismo institucional extralinguístico. (1997, p. 77).

O que se permite depreender é que as CP levam em consideração o lugar do sujeito no momento que profere o discurso, e é por causa desse lugar que seu discurso será validado e/ou não. Conforme a Teoria dos Atos de Fala desenvolvida por Austin (1962), o enunciado performativo (grosso modo, pois não é o objetivo deste estudo) está relacionado à ação, ao fato de realizar o que está sendo dito para confirmar esse dizer. Para tanto, utiliza-se de verbos com algumas características, como seu uso em primeira pessoa do singular, no tempo presente e na voz ativa do verbo, pois justamente dá a entender ser uma ação realizável; do contrário, torna-se qualquer enunciado com possibilidade de realização ou não.

Para delimitar, consideram-se, segundo Orlandi (2000), algumas noções dentro das CP, quais sejam: a questão que envolve os sentidos e suas relações em que um discurso não é homogêneo, visto que há atravessamentos de outros discursos; há ainda o que a autora classifica como “[...] mecanismo da antecipação [...]” (ORLANDI, 2000, p. 39), que permite ao sujeito se antecipar ao discurso do outro e, com isso, elaborar o seu discurso de modo que venha a

suscitar o retorno esperado; e, além disso, o lugar do sujeito, de onde ele enuncia, o que acarreta um discurso com o valor desse lugar de fala. São as “[...] relações de força [...]” (ORLANDI, 2009, p. 39) dentro do processo discursivo das CP.

1.8 Sujeito

Sabe-se que Pêcheux adota em seus estudos o que já vinha sendo debatido por outros estudiosos da linguagem. Dessa maneira, apresentou o seu entendimento acerca de como funciona a relação língua/sujeito a partir do assujeitamento de Louis Althusser – o sujeito assujeitado à língua que materializa o discurso, que, por sua vez, materializa a ideologia e as formações discursivas a partir do que chamou de interpelação. Para Althusser (1980, p. 113):

[...] o indivíduo *é interpelado como sujeito (livre) para que se submeta livremente às ordens do Sujeito, portanto para que aceite (livremente) a sua sujeição*, portanto, para que <<realize sozinho>> os gestos e os actos da sua sujeição. Só existem sujeitos para e pela sua sujeição.

É dessa fonte que começam as análises pecheutianas, além de considerar também os estudos lacanianos a partir de uma “[...] noção de sujeito cindido inconsciente e irreduzível às suas necessidades, mas estruturado por seus desejos de base psicanalítica (Freud-Lacan) [...]” (BECK; ESTEVES, 2012, p. 137). Como bem afirma Siqueira (2017), por esse prisma, o sujeito não escolhe, ele já é sujeito submetido às escolhas ideológicas dos aparelhos de Estado. Pelas palavras de Orlandi (2000, p. 32): “O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele.”. Dito de outro modo, o sujeito é interpelado pelo que já está posto ideologicamente nas formações discursivas, ou seja, ele nasce dentro de uma determinada formação e tem contato com os princípios dela, no que acredita, o que defende etc. Porém, com os avanços dos estudos, Pêcheux apresenta novidades para essa explicação, são os esquecimentos trazidos em *Semântica e Discurso: Uma Crítica à Afirmação do Óbvio*, de 1975.

Assim, há “[...] o esquecimento nº 1, que dá conta do fato de que o sujeito-falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina.” (PÊCHEUX, 1995, p. 173), pois o sujeito é interpelado pela ideologia de sua formação discursiva e ele se esquece disso, portanto pensa ser o estopim de seu dizer. Ele já cai em uma formação discursiva, dentro, no interior, com discursos já ditos que atravessarão o seu discurso,

o que caracteriza uma heterogeneidade discursiva dada por contradições, falhas, rupturas. Enquanto isso, no

[...] *esquecimento nº 2* ao ‘esquecimento’ pelo qual todo sujeito-falante ‘seleciona’ no interior da formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, formas e sequências que nela se encontram em relação de paráfrase – *um enunciado, forma ou sequência, e não um outro, que, no entanto, está no campo daquilo que poderia reformulá-lo na formação discursiva considerada.* (PÊCHEUX, 1995, p. 173).

Nesse esquecimento, o sujeito tem a impressão de que só poderia dizer de uma só forma, a sua. Nesse sentido, se esquece de seu assujeitamento à ideologia e da formação discursiva em que se insere, ou seja, são esses ditos que atravessaram o seu discurso, tornando-se impensável ter sido ele, o sujeito, selecionador de sua forma de dizer, como única, pessoal, só dele.

Embora seja paradoxal, mas é nesse momento que Pêcheux leva seus estudos para direcionamentos de um sujeito resistente, que não é ornitorrinco manuseável por qualquer ideologia dominante sem esboçar uma reação. E, mesmo já trabalhando com influência da teoria lacaniana, em que o sujeito é disputado pelo inconsciente/consciente, expõe um sujeito disperso, haja vista defender ser a ideologia e as formações discursivas passíveis de falhas; então temos um sujeito que falha a partir da língua que materializa seu discurso, sua ideologia, sua formação discursiva. Em tudo há falhas, influências discursivas outras.

Ao considerarmos as palavras de Guerra, podemos inferir que:

O sujeito não é a fonte absoluta do significado, do sentido, não é a origem, pois ele se constitui por falas de outros sujeitos. Assim, o sujeito é resultante da interação de várias vozes, da relação com o socioideológico, portanto tem caráter heterogêneo. ([21--], p. 5).

Desse modo, os esquecimentos explorados por Pêcheux explicam-nos que o sujeito se equivoca ao se sentir dono do discurso, como se esse discurso fosse dito de uma única maneira e só por ele mesmo, desconsiderando, portanto, os dizeres outros em seu dizer. Isso porque, “Para a AD, o sujeito é essencialmente ideológico e histórico, pois está inserido num determinado lugar e tempo”, como bem considera Guerra (21--, p. 6); ainda, e de acordo com a estudiosa, “[...] ele vai posicionar o seu discurso em relação aos discursos do outro, estando inserido num tempo e espaço socialmente situados⁸”. Com isso, ele não pode ser independente

⁸ Ibidem.

o suficiente para ser classificado como o originário do discurso, pensa ser o idealizador de seu dizer porque é atravessado também pelo imaginário.

Dito isso, “Para a Análise do Discurso, o imaginário atua na relação ideologia, sujeito, sentido.” (TFOUNI; GRIGOLETTO, 2020, p. 4817), o que permite ao sujeito uma projeção de liberdade. Para Orlandi (2000), essa projeção advém de imagens, formações imaginárias, que, por conseguinte, fazem a passagem do lugar para a posição, isto é, do sujeito empírico para o sujeito do discurso. Ainda, é o imaginário que permite ao sujeito do discurso uma identificação com determinada FD dada, haja vista serem as formações imaginárias retomadas de discursos que, já esquecidos, permitem ao sujeito uma tomada de posição despercebida, mas que possibilita o foco, o atual, conforme Pêcheux (1997).

A partir dos estudos de Althusser, principalmente na ideia de que o sujeito é interpelado por ideologias, Pêcheux (1995) chamou a atenção para a possibilidade de resistência desse sujeito, na medida em que, para o estudioso, o sujeito só é dominado pela ideologia porque resistiu. Nesse sentido, entre quem fala e o discurso que o domina, Pêcheux (1995) classificou duas modalidades: na primeira está o bom sujeito, aquele que concorda com quem domina; na segunda, o mau sujeito, aquele que discorda da ideologia que o domina. Quanto ao segundo, interesse de nosso *corpus*, afirma:

[...] o *sujeito da enunciação (quem fala)* ‘se volta’ *contra o sujeito universal (quem domina)* por meio de uma ‘tomada de posição’ que consiste, desta vez, em uma *separação* (distanciamento, dúvida, questionamento, contestação, revolta...) *com respeito ao que o ‘sujeito universal’ lhe ‘dá a pensar’*: luta contra a evidência ideológica [...] (PÊCHEUX, 1995, p. 215, grifos nossos).

Quanto a isso, apresentou também algumas categorias pertinentes e que inserem o bom e o mau sujeitos. Se é bom o sujeito, há uma identificação com o discurso ideológico dominante, pois concorda com o que lhe foi posto. No entanto, quando o sujeito é mau, acontece uma contraidentificação, haja vista termos um sujeito questionador, revoltado com o Sujeito universal, mas que apenas questiona. Quando acontece a separação desse Sujeito universal, chama-se de desidentificação, como bem afirma Pêcheux (1995).

CAPÍTULO 2: METODOLOGIA E ANÁLISE DO *CORPUS*

2.1 Procedimentos metodológicos

Este capítulo apresentará a construção dos procedimentos metodológicos adotados para a realização desta pesquisa. Dito isso, este trabalho tomou como base teórica a Análise do Discurso de linha francesa (AD) através dos postulados de seu principal autor, Michel Pêcheux, por considerar a materialidade enquanto arcabouço de análise relacionando a língua com a história e o social, e a ciência com o político. Além de a pesquisa encontrar-se embasada pelo principal teórico, consideramos também as considerações da professora pesquisadora Eni P. Orlandi, responsável pela introdução dos estudos discursivos pecheutianos no Brasil.

Ainda, e por Pêcheux ter considerado os estudos althusserianos, trabalhamos com Althusser (1980) acerca da interpelação do sujeito pela ideologia, um dos principais questionamentos dessa corrente teórica. Corroboramos os estudos de Baronas (2011), Indursky (2011), Siqueira (2017) e Maldidier (2017), entre outros estudiosos – professores pesquisadores –, uma vez que cada um com suas observações contribui de forma significativa para o avanço teórico e metodológico dos estudos do discurso no Brasil.

Dessa maneira, nosso objeto de pesquisa foi escolhido devido à relação intrínseca entre o contexto histórico-social, enquanto condições de produção, em decorrência de apresentar marcas linguísticas que permitem ao analista de discurso interpretar tanto os não-ditos quanto os deslizos acerca do discurso de resistência, assim como os deslocamentos e permanências desse discurso, e o discurso do Racionais MC's em *Sobrevivendo no inferno*, lançado pela Editora Companhia das Letras, que retoma o álbum de mesmo nome lançado em 1997, anos depois de chacinas acontecidas em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Ainda, e por ser o discurso de resistência nosso principal objetivo de análise, tomamos como objeto, para tanto, o sujeito discursivo do *rap*. Nesse sentido, consideramos a sua história enquanto discurso de indivíduos excluídos e residentes de bairros periféricos, pois é daí, desse grito por oportunidades, de onde surge o *rap*. De origem jamaicana, adentrou os Estados Unidos levado por jovens que buscavam oportunidades e melhores condições de vida na maior potência mundial, pois a Jamaica passava por problemas de ordem social e econômica. Portanto, observa-se, desde então e em decorrência do local de surgimento e do seu meio social, que o *rap* sempre propôs esse discurso que se revolta.

No Brasil, o grupo formado por Pedro Paulo Soares Pereira (Mano Brown), considerado o líder, Paulo Eduardo Salvador (Ice Blue), Edivaldo Pereira Alves (Edi Rock) e Kleber Geraldo

Lelis Simões (KL Jay), todos moradores da capital paulista, foi criado em 1988 e, mesmo já com alguns lançamentos – *Holocausto urbano*, o EP *Escolha seu caminho* e *Raio X do Brasil* –, foi com *Sobrevivendo no inferno* que os Racionais MC's alcançaram venda recorde, 1,5 milhão de discos, e projeção nacional, além, e principalmente, da quebra de barreiras, deixando de ser som ouvido na periferia e ganhando bairros nobres e outras classes sociais.

O livro *Sobrevivendo no inferno* (2018), portanto, é composto por 12 músicas literais do álbum musical lançado em 1997, são elas: “Jorge da Capadócia”, “Gênesis (Intro)”, “Capítulo 4, versículo 3”, “Tô ouvindo alguém me chamar”, “Rapaz comum”, “...”, “Diário de um detento”, “Periferia é periferia (em qualquer lugar)”, “Qual mentira vou acreditar”, “Mágico de Oz”, “Fórmula mágica da paz” e “Salve”; seguido de Agradecimentos, Ficha técnica do livro e Créditos das músicas. Antes disso, há um artigo intitulado “O evangelho marginal dos Racionais MC's”, escrito pelo professor de Literatura Brasileira da Universidade de Pernambuco, Acauam Silvério de Oliveira, acerca da trajetória do grupo, da quebra de paradigmas e da importância do Racionais MC's para a cultura popular brasileira. E, como bem considera o professor Acauam Silvério de Oliveira ao falar sobre a obra,

Sem exageros, podemos dizer que poucas vezes a realidade brasileira foi analisada e representada com um olhar tão complexo, considerando-se inclusive as instâncias discursivas mais consagradas, como a academia e a literatura. (RACIONAIS MC'S, 2018, p. 27).

O *rap* dos paulistas levou esse ritmo, ainda marginalizado, a espaços distantes, para além das comunidades. A influência do Racionais MC's ganhou ainda mais notoriedade também em 2018, quando a Universidade de Campinas – Unicamp – trouxe o disco em formato de poesias publicadas em livro pela editora já mencionada como leitura obrigatória para o vestibular de 2020, na categoria poesia, ao lado de *Sonetos* de Luís de Camões, mas não foi unanimidade. A indicação gerou debates e divergências por parte da ideologia dominante e seus autores, o que mostra que ainda se tem um caminho longo a percorrer e que inclusão social no Brasil nunca foi vista com apreço.

Sabe-se que o discurso, “[...] por ser produzido em dado momento histórico, responde às necessidades que se apresentam nas inter-relações humanas e faz parte de um mecanismo em funcionamento” (CARVALHO, 2012, p. 135), portanto, como não há discurso estático, escolhemos trabalhar com três materialidades: “Capítulo 4, versículo 3”, “Diário de um detento” e “Periferia é periferia (em qualquer lugar)”, visto que nos apresenta deslizamentos de sentidos contundentes, capazes de abarcar os nossos objetivos, pois a AD não se restringe à

homogeneização, tendo-se em vista que, na interpretação, ela prioriza o heterogêneo, os deslizos, as incompletudes.

Ainda, para atingir nossos objetivos, tendo em vista a grandiosidade do *corpus*, tornou-se necessário fazer recortes nas materialidades selecionadas, ou seja, nossa análise abarca sequências discursivas (doravante SD) trabalhadas dentro das categorias de análise já mencionadas, mas destacando a formação discursiva em que elas se inserem amparadas pela ideologia, analisando esse entrecruzamento da língua com a história, condições de produção e um sujeito clivado, pois retoma já ditos, que são as memórias do discurso. Nesse sentido, as sequências discursivas analisadas estão expostas no quadro a seguir.

Quadro 1 – Sequências discursivas

SD1: “Depois de Cristo, A fúria negra ressuscita outra vez. Racionais, capítulo 4, versículo 3” (RACIONAIS MC’S, 2018, p. 50).
SD2: “Aleluia. Aleluia. Racionais no ar [...]” (RACIONAIS MC’S, 2018, p. 50).
SD3: “60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais já sofreram violência policial. A cada quatro pessoas mortas pela polícia, três são negras. Nas universidades brasileiras apenas 2% dos alunos são negros. A cada quatro horas um jovem negro morre violentamente em São Paulo. Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente.” (RACIONAIS MC’S, 2018, p. 49).
SD4: “[...] Permaneço vivo, prossigo a mística. Vinte e sete ano contrariando a estatística. Seu comercial de TV não me engana. Eu não preciso de <i>status</i> nem fama. Seu carro e sua grana já não me seduz. E nem a sua puta de olhos azuis [...]” (RACIONAIS MC’S, 2018, p. 56).
SD5: “Faz frio em São Paulo, pra mim tá sempre bom. Eu tô na rua de bombeta e moletom. Dim-dim-dom, rap é o som que emana do Opala marrom.” (RACIONAIS MC’S, 2018, p. 51).
SD6: “Aqui estou mais um dia. Sob o olhar sanguinário do vigia.” (RACIONAIS MC’S, 2018, p. 83).

SD7: “Na muralha, em pé, mais um cidadão José. Servindo um Estado, um PM bom. Passa fome, metido a Charles Bronson [...]” (RACIONAIS MC’S, 2018, p. 83).

SD8: “Ratatata, mais um metrô vai passar. Com gente de bem, apressada, católica. Lendo jornal, satisfeita, hipócrita. Com raiva por dentro, a caminho do centro. Olhando pra cá, curiosos, é lógico. Não, não é, não, não é zoológico. Minha vida não tem tanto valor. Quanto seu celular, seu computador.” (RACIONAIS MC’S, 2018, p. 85).

SD9: “Um dia no Carandiru, não ele é só mais um. Comendo rango azedo com pneumonia.” (RACIONAIS MC’S, 2018, p. 86).

SD10: “Um dia um PM negro veio embaçar. E disse pra eu me pôr no meu lugar. Eu vejo um mano nessas condições, não dá [...]” (RACIONAIS MC’S, 2018, p. 53).

SD11: “[...] Cadeia guarda o que o sistema não quis. Esconde o que a novela não diz.” (RACIONAIS MC’S, 2018, p. 89).

SD12: “Porque o chefe da casa trabalha e nunca está. Ninguém vê sair, ninguém escuta chegar. O trabalho ocupa todo o seu tempo. Hora extra é necessário pro alimento. Uns reais a mais no salário. Esmola de patrão, cuzão, milionário.” (RACIONAIS MC’S, 2018, p. 91-92).

SD13: “Um mano me disse que quando chegou aqui. Tudo era mato e só se lembra de tiro, aí. [...]” (RACIONAIS MC’S, 2018, p. 92).

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

O *corpus* selecionado advém das categorias pecheutianas selecionadas, principalmente no que tange à formação discursiva, visto que se trata de um sujeito ideológico que, apesar de submisso, resiste ao sistema capitalista. Desse modo, esses recortes trazem à baila sentidos e interpretações que deslocam o analista para um embate de ideologias, de dominantes e dominados, e que, apesar disso, resistem às imposições do sistema capitalista liderado pelo Estado. Embora não seja uma novidade, visto que são conceitos já debatidos, a análise não pode ter uma interpretação restrita, até pelo fato de a própria construção do *corpus* ser contínua.

Então, os recortes fazem parte do que se entende pela construção desse *corpus* e que não funciona como uma divisão em distanciamento, mas decorrente do processo analítico a partir da relação intrínseca com as categorias da teoria aqui explanadas, ou seja, são recortes para fins metodológicos. Isso porque, diante da incompletude das análises, o *corpus* “[...] “requer uma volta sobre sua conformação em diferentes momentos do percurso da pesquisa” (SERRANI, 1993, p. 56).

Dessa maneira, apresentaremos novas interpretações, com certeza, incompletas. Na Análise de Discurso de linha francesa pecheutiana, não se busca o verdadeiro posto com sentido único e completo, e nem o falso, “[...] mas o real do sentido em sua materialidade linguística e histórica.”, como bem considera Orlandi (2000, p. 59). Por isso, e conforme a mesma autora, a AD não requer uma metodologia tradicional tal qual os outros campos do conhecimento, visto que o analista se situa em uma posição de deslocamento que o impossibilita de ser vítima da produção histórica, da língua e da ideologia.

2.2 Rap/Hip-hop: um discurso de resistência

A priori, é importante que definamos os conceitos de dois vieses de manifestação cultural popular, o *rap* e o *hip-hop*. Embora tenhamos tratado até então e também por conseguinte sem uma divisão específica entre ambos pelo fato de não ser o objetivo do trabalho diferenciá-los e/ou caracterizá-los, precisa-se compreender que não se trata de um mesmo ritmo, som e/ou manifestação artístico-cultural, mas possuem uma relação intrínseca.

Dito isso, “O rap é parte de uma realidade maior: a cultura hip-hop.” (SALLES, 2007, p. 29), ou seja, faz parte de uma junção, de um aglomerado de culturas que foram unificadas muito em decorrência da aproximação de suas características, em comum, uma musicalidade acompanhada de uma letra que remete à revolta, ao desabafo.

Assim, embora tenha se desenvolvido nos Estados Unidos basicamente em 1970, o *rap* originou-se anteriormente, como bem afirma Cachin (1996, p. 16): “As raízes do rap remontam pelo menos ao fim dos anos 1960 e aos Last Poets, um coletivo de jovens negros militantes que puseram sua raiva em rimas e percussão”, e essa percepção de que o *rap* retrata a raiva a partir da palavra e da música continua enquanto um posicionamento de protesto, principalmente de moradores de periferias.

O *rap* advém da abreviação do inglês *Rhythm and Poetry*, ritmo e poesia, que “[...] remonta necessariamente aos contextos da Jamaica durante o decorrer da década de 1960, principalmente nos guetos de Trenchtown, na capital Kingston, que possuíam alguns costumes

culturais marcantes, como os bailes e os *sound-systems*.” (GANHOR, 2019, p. 164). A partir de então, começa a ganhar espaço e a se expandir muito em decorrência dos problemas socioeconômicos enfrentados pela Jamaica. Com isso, “Na década de 70, com a crise social que abateu sobre a ilha, muitos jovens emigram para os Estados Unidos e introduzem em Nova York a tradição do canto falado – *rap* – que fazia parte do *hip-hop*.” (DIETZSCH, 2006, p. 753).

Desse modo, o *rap* sempre esteve para o dizer do sujeito discursivo “assujeitado” pelo sistema capitalista, visto que, em seus discursos, são levadas em consideração as condições de produção de uma época de exclusão que não acabou, mas que, atualmente, os discursos emergem com uma maior resistência. Para tanto, há de se levar em consideração os motivos pelos quais o *rap* chegou aos Estados Unidos em 1970. Ainda, e principalmente, perante a sua condição de produção na Jamaica, nos guetos de Trenchtown, na capital Kingston, em que

Esses espaços mobilizavam grande parte da juventude oprimida daquela região e foi gradativamente tornando-se um mecanismo de denúncia e crítica social, por meio dos quais seus integrantes podiam compartilhar pautas e refletir sobre problemáticas específicas. Assim, passaram a ser palco de discursos sobre a política da ilha caribenha e a violência em suas favelas, além de temas como sexo e drogas. (GANHOR, 2019, p. 164).

Nesse sentido, o *rap* se expande e se consolida justamente pelo fato de ser crítico. Traz, em si, um posicionamento social pouco e/ou nada visto em outros ritmos musicais. E, com esse discurso de denúncia politizada, faz do sujeito e desse discurso uma resistência, uma formação discursiva sustentada por uma ideologia incomodada pelo sistema capitalista imposto. Esse incômodo faz desse sujeito discursivo *rapper* um mau sujeito, que, nas palavras de Pêcheux (1995, p. 215), tem uma “tomada de posição” que questiona o sujeito universal, o discurso dominante. Para tanto, “- ninguém pode pensar do lugar de quem quer que seja: primado prático do inconsciente, que significa que é preciso suportar o que venha a ser pensado, isto é, é preciso ‘ousar pensar por si mesmo’” (PÊCHEUX, 1995, p. 304).

Quanto as origens do *rap*, considera-se então:

De forma bastante resumida, pode-se dizer que tudo começou quando um velho costume dos jovens da Jamaica, o *toastie* (falas ou canções improvisadas sobre uma base instrumental), foi transplantado para Nova York pelo DJ jamaicano Kool Herc. Também contribuíram para a gênese e o desenvolvimento do rap as atuações dos DJs Grand Master Flash e Grand Wizard Theodor e as idéias musicais inovadoras de Afrika Bambaataa. Este último, um ex-membro de gangue de rua do Bronx, remixou a faixa “Trans-Europe Express”, da banda de música eletrônica alemã Kraftwerk, dando à luz

“Planet Rock”, a composição que marcaria o início de uma revolução musical. Naquele momento, entretanto, o rap era sinônimo de entretenimento – era o som que embalava as grandes festas que, a partir de 1976, tomaram conta do Bronx, bairro negro de Nova York. (SALLES, 2007, p. 26-28).

Com isso, esse ritmo foi se aprofundando, ganhando e aperfeiçoando ainda mais seu caráter de resistência através das palavras. No dizer de Salles (2007), é nos anos de 1980 que o *rap* se insere na linguagem política, com protestos e resistência, embora pacíficos a partir da ideia de um de seus idealizadores, o Afrika Bambaataa. De acordo com o mesmo autor (SALLES, 2007), um grupo de *rap* chamado Public Enemy apresentou uma nova roupagem musical à cena cultural desse gênero da música não apenas pelo discurso com viés político, mas pela sonoridade, considerada mais moderna que a apresentada até então.

Nesse sentido, o *hip-hop*

[...] foi estabelecido por Afrika Bambaataa, em 1978, e fazia referência a uma forma de dançar, popular à época, que consistia em saltar (hop) e movimentar os quadris (hip). O hip-hop tornou-se, então, uma forma de organização sociocultural que envolve o rap (MC e DJ), dança (break) e artes plásticas (graffiti). Sem falar em uma indumentária específica – da qual bonés, roupas e tênis esportivos são o destaque – que, no mundo inteiro, estabelece a moda hip-hop. (SALLES, 2007, p. 29).

Dito isso, o *rap* é um dos segmentos do *hip-hop*. Este último é mais abrangente que o primeiro, mas, em comum, têm na sua formação a união de mais de uma característica. Assim, o *rap* é composto pelo MC e pelo DJ; quanto ao primeiro, é resultado da expressão inglesa *master of ceremony*, mestre de cerimônia, i.e., “O MC é aquele que ‘fala’ enquanto a música é tocada” (SALLES, 2007, p. 29), e ainda pode ser chamado de *rapper*, por isso acontecem as intervenções do MC durante os shows, pois sempre falam algo de acordo com o contexto da música e, principalmente, de acordo com o momento político em que se passa; em relação ao DJ, também é derivado de uma expressão inglesa, *disc-jockey*, que, inicialmente, “[...] era o animador de um programa musical em rádio, aquele que selecionava os discos, determinava sua ordem de passagem e seu encadeamento”, como bem considera Salles (2007, p. 29). Com o passar do tempo, o DJ foi se adaptando e incorporando sons diferentes em sua musicalidade, saindo de reproduzidor para criador.

Grosso modo, os outros componentes que integram a cultura do *hip-hop* são o *breakdance* e o *graffiti*. Em relação a eles,

O *Break* é um gênero de dança fortemente fundamentado nas danças *Black* características das décadas de 1960 e 1970, marcado por passos cíclicos e movimentos acrobáticos. Por fim, o *Graffiti* faz referência às artes plásticas desenvolvidas no contexto desse movimento, que possuem grande influência das pixações e de um engajamento artístico que transcende a finalidade estética, ressaltando-a enquanto meio de contestação. (GANHOR, 2019, p. 165).

A contestação se faz presente em ambas as particularidades de manifestação que compõem o *hip-hop*. E é dessa maneira que esse movimento ganha adeptos ao redor do mundo, chegando ao Brasil, principalmente a São Paulo, em 1980, através do *break*, consolidando-se nos anos seguintes e já com o surgimento de grupos de *rap* que se tornariam, com o passar dos anos, emblemáticos para a cultura brasileira, a exemplo do Racionais MC's e das vozes solo de MV BILL e Gog.

O discurso do *rap* surge e se expressa enquanto desabafo, raiva, ódio perpassado pelas palavras e pelo som forte que emana do seu uso linguístico. Ressalta-se, também, que esse movimento cultural surge, de certo modo, para caracterizar bairros e vivências periféricas de grandes cidades, ou seja, surge nas grandes cidades. Por isso, podemos considerar essa relação pelo fato de que “Ao transmitir uma realidade política e social que marca a vida da metrópole, as letras do *rap* oferecem possibilidades para a leitura da cidade de uma perspectiva ainda pouco explorada, a do jovem negro da periferia: é a cidade vista do avesso.” (DIETZSCH, 2006, p. 754).

Diante dessa relação intrínseca do *rap* com as periferias das grandes cidades, ainda há uma relação muito forte e próxima com as ruas. Isso se dá em decorrência de suas manifestações acontecerem nas ruas, muitas das vezes, e, também, pelo seu surgimento aqui no Brasil ter sido em espaços públicos, a exemplo da Praça Ramos, da Rua 24 de Maio e da estação de metrô São Bento, todos em São Paulo. Considera-se, nesse contexto, que era uma forma de ser visto por uma maioria possível, até porque a própria periferia não é notada, além de ser esquecida pelas políticas públicas.

Com a consolidação do Racionais MC's no cenário musical, o *rap* ultrapassou barreiras pouco previstas se analisada a sua história. Dito isso, tem-se que “[...] o ‘fenômeno’ Racionais MCs tornou a linguagem de artistas que se reivindicam *negros favelados conscientes* conhecida em todos os grandes centros urbanos do país, [...]”, conforme consideração de Salles (2007, p. 28).

2.3 O(s) sujeito(s) do discurso: memórias, sentidos e ideologias

O discurso musical do Racionais MC's se dá na década de 1990, em que existia uma turbulência entre as forças de segurança do Estado (polícias) e o sistema prisional, em decorrência de uma das chacinas mais faladas do Brasil, a do Carandiru. Situada em São Paulo, a Casa de Detenção Professor Flamínio Fávero ganhou destaque até internacional por causa de uma rebelião que aconteceu em suas dependências que causou a morte de 111 presos em 02 de outubro de 1992. E não parou por aí, pois, em 23 de julho de 1993, a sucessão de violência policial voltou à cena nacional com a chamada chacina da Candelária, no Rio de Janeiro, onde policiais militares dispararam tiros contra jovens em situação de rua que circulavam pelo local, o que resultou em 8 mortos e em mais uma mancha que marcou a história de um país já caracterizado pela desigualdade. Também em 1993, no dia 29 de agosto, o mundo voltou a ficar estarrecido com o assassinato de 21 pessoas no que ficou conhecido como a chacina de Vigário Geral; em comum, a violência e a soberba policiais diante de uma desigualdade social e econômica que atinge os mais pobres, os pretos e os favelados.

É nesse momento que, em 1997, surge *Sobrevivendo no inferno* do Racionais MC's. Do sujeito dominado, mas resistente, à retomada da memória histórica diante de uma formação discursiva caracterizada, principalmente, pela exclusão e perseguição. Em “Capítulo 4, Versículo 3” (RACIONAIS MC'S, 2018, p. 49), considera-se uma relação com o que prega a Bíblia Sagrada, em um tom metafórico, que relaciona a violência sofrida pelo negro e periférico a uma profecia, como se pode observar na sequência discursiva SD1: “Depois de Cristo, A fúria negra ressuscita outra vez. Racionais, capítulo 4, versículo 3” (RACIONAIS MC'S, 2018, p. 50).

A “Bíblia” do Racionais MC's retrata a imagem de seu povo por meio de palavras fortes, a partir da memória discursiva, acontecimentos históricos que persistem, embora advenham da formação social capitalista, portanto de longe. O substantivo “inferno”, parte integrante do título do livro, faz uma retomada histórica dos preceitos religiosos relacionando-o ao simbólico, ao considerar o inferno um lugar de maldades e coisas ruins, uma metáfora que substitui as comunidades brasileiras. Na SD2: “Aleluia. Aleluia. Racionais no ar [...]” (RACIONAIS MC'S, 2018, p. 50), a repetição do termo Aleluia, que tem a acepção de alegria, alude aos louvores religiosos, ao discurso bíblico, em um jogo entre a repetição e o deslize, deslize de sentidos que permite ao público um leque de interpretações, haja vista a incompletude da linguagem, sempre ressignificada pelo histórico-social, visto que não há estaticidade, podendo ser comparada a um jogo de futebol, que, apesar das regras, nunca será o mesmo, e ainda que

os mesmos times joguem diversas vezes, o resultado é outro, a emoção é outra, pois derivam também do contexto histórico, ou seja, das condições de produção.

SD3: 60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais já sofreram violência policial. A cada quatro pessoas mortas pela polícia, três são negras. Nas universidades brasileiras apenas 2% dos alunos são negros. A cada quatro horas um jovem negro morre violentamente em São Paulo. Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente (RACIONAIS MC'S, 2018, p. 49).

Já na introdução trazida pelo grupo de *rap*, um destaque para a situação de violência policial sofrida pelo povo de comunidades e, majoritariamente, negro e pobre. Esse sujeito, interpelado pela ideologia de um discurso resistente, sempre à margem pelo poder público e pela elite, julga que é inventor desse dizer, porém “O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua”, corrobora Orlandi (2000, p. 32). Nesse contexto, se dão as transferências de sentido, portanto metáforas, pois, para Pêcheux (1969 apud ORLANDI, 2000, p. 78), a metáfora “[...] é o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual [...]”, em que, dito de outro modo, não há um sem o outro. Acontecem, portanto, discursos que se retomam a todo instante, ressignificam a partir do encontro com a história, os sujeitos, as formações discursivas etc.

O sujeito do discurso, a partir de seus esquecimentos, é iludido a ponto de considerar ser o criador desse discurso. É diante desse desenrolar que acontece o contato com o histórico, em uma retomada do que já foi dito antes por outros atores da sociedade e que é dito como se fossem discursos inéditos construídos pelo próprio sujeito, o do discurso. O discurso compreende um sujeito clivado por diversas outras instâncias que o constituem, ou seja, não há uma divisão entre as categorias apresentadas por Pêcheux, mas uma interligação, uma teia em que um fio é ligado ao outro na formação discursiva. Assim, corrobora-se o seguinte:

Ao dizer, o sujeito significa em condições determinadas, impelido, de um lado, pela língua e, de outro, pelo mundo, pela sua experiência, por fatos que reclamam sentidos, e também por sua memória discursiva, por um saber/poder/dever dizer, em que os fatos fazem sentido por se inscreverem em formações discursivas que representam no discurso as injunções ideológicas. (ORLANDI, 2000, p. 53).

É pelo sentido que há outros sentidos, pois, como bem afirma a autora, acontecem deslizes na instância do sentido que permitem discursos outros. Quanto a isso, Pêcheux (1995, p. 164) considera ser “[...] uma concepção do efeito de sentido como relação de possibilidade de substituição entre elementos (palavras, expressões, proposições) no interior de uma

formação discursiva dada.” Portanto, o sujeito encontra-se nesse emaranhado de situações achando ele ser o precursor de seu dizer, quando, na realidade, ele está cercado/sustentado por ideologias, memórias, sentidos, formações discursivas que sempre atravessam o seu discurso, resignificando-o.

Os versos que seguem trazem à interpretação o encontro da memória histórica por meio de um acontecimento que retrata o histórico-social das comunidades, em sua maioria formadas por pretos e pobres. SD4:

[...] Permaneço vivo, prossigo a mística
 Vinte e sete ano contrariando a estatística
 Seu comercial de TV não me engana
 Eu não preciso de *status* nem fama
 Seu carro e sua grana já não me seduz
 E nem a sua puta de olhos azuis
 [...] (RACIONAIS MC’S, 2018, p. 56).

Apesar de assujeitado ao sistema dominante, trata-se de um sujeito do discurso resistente, de ruptura, que resiste às tentações das drogas e, conseqüentemente, à cadeia. São 27 anos de resistência, numa retomada histórica que contraria a realidade através das estatísticas.

Como bem afirma Orlandi (2000), a ideologia é a constituição do sujeito. O enunciado da SD5 dá sentidos ao caos vivido pelos moradores de rua das grandes cidades, largados nas avenidas, praças e viadutos. SD5: “Faz frio em São Paulo, pra mim tá sempre bom. Eu tô na rua de bombeta e moletom. Dim-dim-dom, rap é o som que emana do Opala marrom.” (RACIONAIS MC’S, 2018, p. 51). Desse modo, “[...] a ideologia não é ocultação, mas função da relação necessária entre linguagem e mundo.” (ORLANDI, 2000, p. 47).

De todo modo, o sujeito do discurso está imbricado nessas esferas que o constituem, da ideologia à formação discursiva, sendo impossível trabalhá-lo desvencilhando-o de suas relações. Nas sequências discursivas de *Sobrevivendo no inferno* (2018), esse sujeito discursivo é constituído, a priori, por uma ideologia, sujeitos, sentidos, memórias, intra/inter/discursos e formações discursivas resistentes aos aparelhos de Estado, principalmente à polícia e sua violência na década de 1990, que repercutiu mundialmente. Considera-se, para tanto, que o grupo Racionais MC’s, por utilizar um ritmo que dá sustentação a uma voz de protesto, a um discurso, sendo formado por sujeitos que representam outros discursos, daqueles que vivem sob as mesmas condições, em comunidades marginalizadas e esquecidas, ou seja, um discurso

coletivizado, é sempre relacionado à posição de representação de seu público, ou seja, à posição-sujeito.

Essa posição de resistência do sujeito do discurso, preto, pobre e favelado, preso ao Estado, são as condições de produção em “Diário de um detento” (RACIONAIS MC’S, 2018, p. 49), *rap* de Mano Brown e um dos sobreviventes do massacre do Carandiru, conhecido como Jocenir. A priori, é uma narrativa de como tudo aconteceu naquele outubro de 1922. SD6: “Aqui estou mais um dia. Sob o olhar sanguinário do vigia” (RACIONAIS MC’S, 2018, p. 83). Por meio dela, o autor fez o ouvinte, e agora leitor, identificar-se e situar-se em sua realidade, com reflexões acentuadas acerca de seus próprios abandonos. Ainda há os dilemas vivenciados pela população carcerária, da falta de estrutura do cárcere lotado à saudade de familiares, são os lugares do discurso do Racionais MC’s.

Neste discurso (SD7), os policiais são submissos ideologicamente ao Estado, sendo que, por vezes, compartilham das mesmas condições sociais que os Racionais MC’s. SD7: “Na muralha, em pé, mais um cidadão José. Servindo um Estado, um PM bom. Passa fome, metido a Charles Bronson [...]” (RACIONAIS MC’S, 2018, p. 83). Nesse sentido, observa-se uma igualdade de condições socioeconômicas entre esses agentes sociais, porém se encontram em lados opostos e por causas diferentes; os primeiros são de formações discursivas de sujeitos discordantes, portanto resistentes (maus sujeitos), e os policiais são assujeitados completamente (bons sujeitos) à ideologia dominante.

O discurso do Racionais MC’s citado acima ainda pode ser interpretado pelas categorias de identificação, contraidentificação e desidentificação diante da formação discursiva que o sustenta, até porque é o desdobramento dos tipos de sujeitos também já mencionados. Se é um bom sujeito, ele está identificado com a ideologia no interior da FD; se é mau sujeito, contraidentifica-se; e a desidentificação acontece quando ele se desliga daquela ideologia dentro da formação discursiva dada. Nisso,

[...] no interior da forma-sujeito, na medida em que o efeito daquilo que definimos como o interdiscurso continua a determinar a identificação ou a contra-identificação do sujeito com uma formação discursiva, na qual a evidência do sentido lhe é fornecida, para que ele se ligue a ela ou que a rejeite. (PÊCHEUX, 1995, p. 216).

Nesse contexto, Pêcheux alertou acerca do que dá a entender ser mais um paradoxo do sujeito discursivo:

A dominação da ideologia (da classe) dominante, que é caracterizada, no nível ideológico, pelo fato de que a reprodução das relações de produção “subjuga” sua transformação (opõe-se a ela, a freia ou a impede, conforme os casos), corresponde, pois, menos à manutenção do idêntico de cada “região” ideológica considerada em si mesma do que a reprodução das relações de desigualdade-subordinação entre essas regiões (com seus “objetos” e as práticas no interior das quais eles estão inscritos). (PÊCHEUX, 1995, p. 146).

É o que acontece diante dessa relação entre sujeitos equiparados pelas condições sociais, mas em posições distintas, embora alguns deles optem (lembremo-nos dos esquecimentos) pela ideologia dominante, mesmo sem a ela pertencerem. Esse bom sujeito, apontado nessa passagem específica do *rap*, corrobora a sua própria situação de exclusão e de difícil acesso à vida digna, visto que, ao ser interpelado pela ideologia do Estado, a dominante, esse sujeito não oferece respaldos, apenas a aceita. Desse modo, pode-se considerar uma dupla relação entre o que pode acontecer com o sujeito do discurso quando é possível corroborar as palavras de Orlandi (2000, p. 54):

Pela natureza incompleta do sujeito, dos sentidos, da linguagem (do simbólico), ainda que todo sentido se filie a uma rede de constituição, ele pode ser um deslocamento nessa rede. Entretanto, há também injunções à estabilização, bloqueando o movimento significativo. Nesse caso, o sentido não flui e o sujeito não se desloca. Ao invés de se fazer um lugar para fazer sentido, ele é pego pelos lugares (dizeres) já estabelecidos, num imaginário em que sua memória não reverbera. Estaciona. Só repete.

São as coerções das condições de produção que se refletem nas formações discursivas e, necessariamente, conduzem o sujeito para um lado ou para o outro. Como bem afirma Orlandi (2000), as condições de produção precisam ser pensadas a partir de três situações indispensáveis: as relações entre os sentidos no/do discurso que pontuam a continuidade discursiva; a questão da antecipação diante do discurso outro, possibilitando uma regulamentação argumentativa diante do que já foi dito pelo outro sujeito empírico; e, justamente, as relações de força que consideram o lugar de onde falamos enquanto legitimidade desse falar discursivo. Assim sendo, o discurso de um policial, que é representação do Estado, tem maior credibilidade que o discurso de um detento sobrevivente do Carandiru. Tais especificidades das condições de produção são notáveis na seguinte estrofe de “Diário de um detento”. SD8:

Ratatatá, mais um metrô vai passar
Com gente de bem, apressada, católica
Lendo jornal, satisfeita, hipócrita
Com raiva por dentro, a caminho do centro
Olhando pra cá, curiosos, é lógico

Não, não é, não, não é zoológico
 Minha vida não tem tanto valor
 Quanto seu celular, seu computador
 (RACIONAIS MC'S, 2018, p. 85).

Há uma oposição de sentidos, de sujeitos, entre a prisão e a liberdade. Depreendem-se, portanto, além de posições-sujeito, o discurso de um encarcerado invalidado socialmente, e não apenas o seu discurso. Essa invalidação vai além das grades que o aprisionam, pois as relações de força remetem o discurso do carcerário à margem da sociedade, desprovido de valor e apreço. Desse modo, ao comparar o valor da própria vida ao de um celular, coloca e reafirma o constante atrito entre classes sociais pelo sistema capitalista com um discurso paradoxal, quando se pondera que trabalhadores, a máquina que movimenta e sustenta o país, espremem-se em metrô lotados na maior capital do Brasil. Além disso, detentos condenados pelo crime espremem-se em prisões abarrotadas, visto que o Estado lhes nega condições adequadas, sem trabalho eficiente de ressocialização.

Na SD9: “Um dia no Carandiru, não ele é só mais um. Comendo rango azedo com pneumonia.” (RACIONAIS MC'S, 2018, p. 86), verificam-se as condições em que viviam os detentos no Carandiru e que muito bem registram as condições de produção desse discurso do sistema carcerário da década de 90, embora, sabe-se, pelos jornais impressos e/ou televisivos, essa problemática não foi específica da época, ela continua ainda nos dias atuais.

Diante das inter-relações que constituem o sujeito do discurso, a atuação do interdiscurso é relevante ao retomar o já dito. Esse já dito está presente no interdiscurso que guarda, em uma espécie de arquivo, todos esses ditos retomados no discurso pela memória discursiva. Assim, assevera Orlandi (2000), o interdiscurso sustenta o já dito, embora o sujeito tenha esquecido esse já dito; é a partir de então que acontece a formulação dos sentidos com suas relações de uns com os outros, memória que o sujeito do discurso não controla.

2.4 Racionais MC's: a FD no corpus

“- não há dominação sem resistência: primeiro prático da luta de classes, que significa que é preciso ‘ousar se revoltar’” (PÊCHEUX, 1995, p. 304). Dito isso, podemos considerar que, na própria história do *rap/hip-hop*, há uma revolta contrária à ideologia dominante, já que seus participantes, embora assujeitados, ousaram se revoltar contra o Estado.

Os recortes sequenciais discursivos retirados de *Sobrevivendo no inferno* (2018) são materialidades que nos permitem analisar alguns deslocamentos que são contrários. O Estado é, no discurso, como o inferno, em um deslize de sentidos com o discurso religioso. Mas o

inferno não é um adjetivo naturalizador, existe um sujeito que resiste à sobrevivência que lhe foi imposta, em que a ideologia dominante detém os bens de consumo e o acesso ao padrão elevado de vida, e nada resta para as comunidades marginalizadas a não ser a violência.

Tomam-se como ponto inicial para análise da materialidade que compõe o nosso *corpus* duas definições sobre FDs: 1 – “Elas são constituídas pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluidas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações.” (ORLANDI, 2000, p. 44); 2 –

Uma formação discursiva é precisamente o que faz com que de um lado e de outro do domínio, do gênero, do registro ou do tema, de um lado ou de outro da articulação [...] dois discursos se assemelhem [...] e que essa semelhança linguística testemunha o posicionamento ideológico-social da instância enunciativa. (BARONAS, 2011, p. 47).

O pesquisador Damon Mayaffre reflete através da citação acima sobre uma relação nem sempre passiva entre as fronteiras da FD. É nela que se apresentam traços linguísticos (não apenas) que remetem o analista a caracterizar uma FD e seu sujeito. E são heterogêneos porque antagonizam. Esses traços são passíveis dessa análise já no título do livro, *Sobrevivendo no inferno* (2018), do grupo de *rap* Racionais MC's, em que, pelo discurso, há uma vida no céu enquanto contraponto, e daí se permite depreender outros (res)significados. Com isso, desdobra-se em muitos sentidos e sempre oferecendo ao seu leitor uma linguagem que se contrapõe, ou seja, coloca-se em posições contrárias entre classes sociais, entre basicamente a classe do grupo de *rap* e a classe abastada. Nesse sentido, corrobora-se a concepção trazida por Orlandi sobre o que vem a ser a própria materialidade, isto é, “[...] não se reduz ‘ao que está dito’, ou ao ‘dado’ de qualquer natureza que seja.” (2012, p. 70). Observa-se que a ideologia interpela o sujeito e o sustenta na FD de cantor de *rap*, o que nos é apresentado através do materialismo histórico pelo fato de que na materialidade discursiva há contradição, como bem afirma Orlandi (2012).

A contradição que constitui e torna-se a principal característica de uma FD está nos versos/discursos na SD10: “Um dia um PM negro veio embaçar. E disse pra eu me pôr no meu lugar. Eu vejo um mano nessas condições, não dá [...]” (RACIONAIS MC'S, 2018, p. 53). Aqui, no/pelo discurso, existe o atrito entre classes sociais parecidas e/ou até mesmo iguais do ponto de vista socioeconômico, mas de posicionamentos ideológicos diferentes. O sujeito, descrito empiricamente como PM negro, leva-nos à interpretação de que já há uma representatividade de posição-sujeito negada, sendo devastado pela ideologia de modo que concorda com quem manda. Por isso, Maldidier (2017), ao citar a compreensão de Michel

Pêcheux em relação à tese de Althusser, de a ideologia interpelar o sujeito, afirma que, dentro da classe operária, torna-se impossível o sujeito do discurso se desvencilhar da ideologia dominante.

Com isso, Maldidier considera que, “Articulada sobre a ideologia, a ‘formação discursiva’ é totalmente pega pela história, referida a uma relação de forças, pertence a uma conjuntura dada; ela é, pois, estranha a qualquer perspectiva tipológica.” (2017, p. 57-58), e essa relação de forças é o que controla o que pode e deve ser dito, definição tão asseverada por Pêcheux (1995). Dito isso, a FD controla o dizer junto à ideologia, e ambas limitam o sujeito, fazendo com que este se submeta a quem domina, escolha seu léxico para agradar ao dominante, e não a ele próprio; essa relação é, por parte do sujeito, inconsciente. E essa especificidade das FDs não as constitui enquanto homogeneização, visto que elas “[...] são constituídas pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluidas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações.” (ORLANDI, 2000, p. 44). Assim, o interior de uma FD é constituído de discursos que se chocam, se agriem e não se misturam como se fossem um só.

A SD11 mostra o poder que detém a ideologia dominante, submetendo o sujeito ao seu discurso; ainda, esse sujeito acaba sendo desqualificado, visto que é afastado/deslocado e apanhado pela ideologia que lhe é peculiar, a dos desfavorecidos. Assim, temos a SD11: “[...] Cadeia guarda o que o sistema não quis. Esconde o que a novela não diz.” (RACIONAIS MC’S, 2018, p. 89); nesses versos de *rap* do grupo paulistano, consideram-se FDs que se distanciam e se opõem entre os marginalizados e o Estado, além do monopólio midiático que tanto faz crer ser o Brasil um país de primeiro mundo, visto que a novela esconde a realidade do país, atrelada ao capitalismo, dominada por grandes emissoras de TV que atraem as maiores empresas e grandes investimentos.

Em “Periferia é periferia (em qualquer lugar)”, os Racionais MC’s, através de suas palavras carregadas de sentidos e ressignificados, expõem FDs que se opõem e entram em conflito em seu interior, empregados e empregadores. SD12:

Porque o chefe da casa trabalha e nunca está
Ninguém vê sair, ninguém escuta chegar
O trabalho ocupa todo o seu tempo
Hora extra é necessário pro alimento
Uns reais a mais no salário
Esmola de patrão, cuzão, milionário
(RACIONAIS MC’S, 2018, p. 91-92).

Essa sequência discursiva escancara a desigualdade social e identifica qual é o indivíduo que sobrevive nas comunidades. Com isso, Mayaffre (2011) considera ter sido a FD trazida por Pêcheux aquela em que há um posicionamento de classes a partir de um uso linguístico semelhante e em que, portanto, a posição ideológica do sujeito discursivo seja percebida.

Há mais uma SD que reflete a situação da comunidade, o que tem nela e, principalmente, o que nela falta. Ao serem esquecidos pelo poder público (Estado), seus moradores são obrigados a conviver com o inferno, deslize de sentido para ressignificar a sua própria realidade de exclusão, crime, fome e morte. SD13: “Um mano me disse que quando chegou aqui. Tudo era mato e só se lembra de tiro, aí. [...]” (RACIONAIS MC’S, 2018, p. 92).

E, mesmo numa determinada ideologia, no interior de uma mesma FD, ocorrem reações contrárias, com discursos que se contrapõem, a exemplo dos versos citados anteriormente em que se identifica o Policial Militar, negro, pobre (passa fome) e favelado, porém, por servir ao Estado, tem um posicionamento de Charles Bronson, ator norte-americano dono de uma estrela na Calçada da Fama de Hollywood, na Califórnia. Então nota-se que “[...] no interior de uma mesma FD coabitam vozes dissonantes que se cruzam, entrecruzam, dialogam, opõem-se, aproximam-se, divergem, existindo, pois, espaço para a divergência, para as diferenças [...]” (BARONAS, 2011, p. 40), o que indica ser a FD um espaço de discursos outros, por isso heterogêneos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há formação discursiva (FD) sem ideologia que a sustente, e nem sujeito que não seja ideológico. Nesse sentido, quando se trata das FDs nas sequências discursivas analisadas, percebe-se que se constituem por ideologias que entram em conflito no que tange aos interesses de sujeitos discursivos, alguns dominados, bons sujeitos, e outros resistentes, maus sujeitos, e que, apesar disso, fazem parte desse mesmo estágio ideológico, o de morador de periferia, negro, pobre.

O discurso do *rap* ecoa através de palavras carregadas de sentidos e deslizes, um sujeito ideológico que se cruza com a história e as condições de produção pela linguagem. Tratando do morador de periferia dos anos 1990, Racionais MC's utilizam-se de um discurso atravessado principalmente por uma ideologia de exclusão, o que gera resistência, pois, nos recortes analisados, o sujeito é colocado questionando o Estado e as chacinas históricas da época.

Diante da formação discursiva dada, de maus sujeitos, de discursos revoltados a partir de uma “tomada de posição” (PÊCHEUX, 1995, p. 215) do Racionais MC's enquanto representantes de um discurso de denúncia, isso permite ao analista um deslocamento entre as condições de produção atuais e de outrora, o sujeito discursivo ideológico se posiciona na função de líder, na defesa daquilo que ele acredita ser o melhor para si e os seus. Assim, diverge, na sua própria formação discursiva, dos bons sujeitos que atuam concordando com as imposições do sujeito universal.

A pesquisa construiu um percurso analítico que interpreta os discursos do Racionais MC's oriundos de acontecimentos histórico-discursivos dos anos 1990, principalmente a Chacina do Carandiru. Quanto a este sujeito que os analisa, ele se situa como observador, o que lhe permite retomar e interpretar as condições de produção não vivenciadas por ele, e, dotado e dominado por uma ideologia de resistência, seu gesto de leitura o autoriza a manifestar-se, revoltar-se e questionar o já dito pelo Estado.

Com isso, diante do que foi analisado, por FD entende-se ser um bloco ideológico, porém nunca fechado a apenas uma ideologia, visto que os diversos dizeres permitem o atravessamento de outras, embora sempre haja uma que sobressai. No caso analisado, o mau sujeito que contesta e discorda da ideologia dominante é, na FD, quem provoca atritos com os bons sujeitos, os dominados pelo sujeito universal. Dessa maneira, o sujeito discursivo em Racionais MC's é posicionado de forma estratégica, atrelado às condições de produção, em que atua com a história, questionando o acontecimento discursivo das chacinas dos anos 1990.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.
- AUSTIN, John Langshaw. **How to do things with words**. London: Oxford University Press, 1962.
- BARONAS, Roberto Leiser. Ainda sobre formação discursiva em Pêcheux e em Foucault. *In*: BARONAS, Roberto Leiser (Org.). **Análise de discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2011. p. 199-212.
- BECK, Maurício; ESTEVES, Phellipe Marcel da S. O sujeito e seus modos – identificação, contraidentificação, desidentificação e superidentificação. **Leitura**, Maceió, n. 50, p. 135-162, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/1152>. Acesso em: 4 jun. 2021.
- BRANCA-ROSOFF, Sonia. Formação discursiva: uma noção bastante ambígua? *In*: BARONAS, Roberto Leiser (Org.). **Análise de discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2011. p. 213-231.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.
- BRITO, Luiz André Neves de. (Re)Lendo Michel Pêcheux: como a análise do discurso de linha francesa apreende a materialidade discursiva? **EUTOMIA: Revista de Literatura e Linguística**, v. 1, n. 9, p. 542-562, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/967>. Acesso em: 5 jan. 2021.
- CACHIN, Olivier. **L'offensive rap**. Paris: Gallimard/Découvertes, 1996.
- CARVALHO, Maria Leônia Garcia Costa. **A construção de uma discursividade feminista em Sergipe**: a Revista Renovação na década de 1930. São Cristóvão: Editora UFS, 2012.
- DIETZSCH, Mary Julia Martins. Leituras da cidade e educação. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 129, p. 727-759, set./dez. 2006. DOI <https://doi.org/10.1590/S0100-15742006000300011> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/fpG5JxLyY5KdkDkMnBS4tVD/?lang=pt> Acesso em: 27 mar. 2022.
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Glossário de termos do discurso**: projeto de pesquisa: A Aventura do texto na perspectiva da teoria do discurso: a posição do leitor-autor (1997-2001). Orientadora: Maria Cristina Leandro Ferreira; Bolsista de Iniciação Científica Ana Boff de Godoy et al. Porto Alegre: UFRGS. Instituto de Letras, 2001. 30 p.
- FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

GANHOR, João Paulo. O Rap na Educação Científica e Tecnológica. **Ciênc. Educ.**, Bauru, v. 25, n. 1, p. 163-180, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1516-731320190010011>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/rZWfTZzKgTVgJkKKqpkLbYb/?lang=pt>. Acesso em: 27 mar. 2022.

GIACOMONI, Marcello Paniz; VARGAS, Anderson Zalewski. Foucault, a Arqueologia do Saber e a Formação Discursiva. **Veredas online – análise do discurso**, PPG LINGUÍSTICA/UFJF – Juiz de Fora, v. 2, 2010, p. 119-129. ISSN 1982-224. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmninnibpcajpcgclclefindmkaj/viewer.html?pdfurl=https%3A%2F%2Fwww.ufjf.br%2Frevistaveredas%2Ffiles%2F2010%2F04%2Fartigo-09.pdf&clen=93942>. Acesso em: 11 jan. 2022.

GRANJEIRO, Cláudia Rejanne Pinheiro. Foucault, Pêcheux e a formação discursiva. *In*: BARONAS, Roberto Leiser (Org.). **Análise de discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2011. p. 33-46.

GUERRA, Vânia Maria Lescano. **Uma reflexão sobre alguns conceitos da análise do discurso de linha francesa**. 21---. Disponível em: http://paginapessoal.utfpr.edu.br/cfernandes/analise-do-discurso/textos/UMA%20REFLEXO%20SOBRE%20ALGUNS%20CONCEITOS%20DA%20ANLISE%20DO.pdf/at_download/file. Acesso em: 6 jun. 2021.

HAROCHE, Claudine; PÊCHEUX, Michel; HENRY, Paul. A semântica e o corte saussureano: língua, linguagem, discurso. *In*: BARONAS, Roberto Leiser (Org.). **Análise de discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2011. p. 13-32.

INDURSKY, Freda. Da interpelação à falha no ritual: a trajetória teórica da noção de formação discursiva. *In*: BARONAS, Roberto Leiser (Org.). **Análise de discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2011. p. 79-93.

MALDIDIER, Denise. **A Inquietação do Discurso**: (re)ler Michel Pêcheux hoje. Tradução: Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes Editores, 2017.

MAYAFFRE, Damon. Formações discursiva(s) e discurso político: a exemplaridade dos discursos comunistas *versus* burgueses. *In*: BARONAS, Roberto Leiser (Org.). **Análise de discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2011. p. 47-64.

MAZZOLA, Renan Belmonte. Michel Pêcheux: os limites de um projeto. *In*: MAZZOLA, Renan Belmonte. **O cânone visual**: as belas-artes em discurso [online]. São Paulo: Editora UNESP; Cultura Acadêmica, 2015. p. 69-96. ISBN 978-85-7983-671-8. Disponível em: <http://books.scielo.org/staff/book/id/bywgd/attachs/9788579836718.epub>. Acesso em: 5 jan. 2021.

MAZIÉRE, Francine. **A análise do discurso: história e práticas**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

McLENNAN, Gregor; ROY PETERS, Victor Molina. A teoria de Althusser sobre ideologia. *In: CENTRE FOR CONTEMPORARY CULTURAL STUDIES DA UNIVERSIDADE DE BIRMINGHAM (Org.). Da ideologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983. p. 101-137.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à linguística 2: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez Editora, 2006.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2000.

ORLANDI, Eni P. **Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.

ORLANDI, Eni P. **Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi et al. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, Michel. III – Análise Automática do Discurso (AAD-69). Parte I: Análise de conteúdo e teoria do discurso. *In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethania S. Mariani et al. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997. p. 61-105.

PÊCHEUX, Michel. A análise de discurso: três épocas (1983). *In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethania S. Mariani et al. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997. p. 311-318.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução: Eni P. Orlandi. 7. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

PÊCHEUX, Michel. Papel da Memória. *In: ACHARD, Pierre et al. Papel da Memória*. Trad. e Introdução: José Horta Nunes. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p. 45-53.

RACIONAIS MC'S. **Sobrevivendo no Inferno**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SALLES, Ecio. **Poesia revoltada**. Rio de Janeiro, Aeroplano, 2007.

SERRANI, Silvana M. **A linguagem na pesquisa sociocultural: um estudo da repetição na discursividade**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

SIQUEIRA, Vinicius. **Análise do discurso: conceitos fundamentais de Michel Pêcheux**. 1. ed. Mauá – SP: Edição do Autor, 2017.

TFOUNI, Fábio Elias Verdiani; GRIGOLETTO, Evandra. Imaginário e identificação no discurso sobre Donald Trump: análise do funcionamento de capas das revistas *Exame* e *Isto É*. **Forum linguistic.**, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 4815-4830, abr./jun., 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2020v17n2p4815>. Acesso em: 5 set. 2021.

ANEXO A – Letras das canções

CAPÍTULO 4, VERSÍCULO 3

60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais já sofreram violência policial
 A cada quatro pessoas mortas pela polícia, três são negras
 Nas universidades brasileiras apenas 2% dos alunos são negros
 A cada quatro horas um jovem negro morre violentamente em São Paulo
 Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente

Minha intenção é ruim, esvazia o lugar
 Eu tô em cima, eu tô a fim, um, dois pra atirar
 Eu sou bem pior do que você tá vendo
 O preto aqui não tem dó, é 100% veneno
 A primeira faz bum, a segunda faz tá
 Eu tenho uma missão e não vou parar
 Meu estilo é pesado e faz tremer o chão
 Minha palavra vale um tiro, eu tenho muita munição
 Na queda ou na ascensão, minha atitude vai além
 E tenho disposição pro mal e pro bem
 Talvez eu seja um sádico, ou um anjo, um mágico
 Ou juiz, ou réu, um bandido do céu
 Malandro ou otário, padre sanguinário
 Franco-atirador, se for necessário
 Revolucionário, insano ou marginal
 Antigo e moderno, imortal
 Fronteira do céu com o inferno
 Astral imprevisível, como um ataque cardíaco
 Do verso violentamente pacífico, verídico
 Vim pra sabotar seu raciocínio
 Vim pra abalar seu sistema nervoso e sanguíneo
 Pra mim ainda é pouco, Brown cachorro loko
 Número um, guia, terrorista da periferia
 Uni-duni-tê, eu tenho pra você

Um rap venenoso ou uma rajada de PT
E a profecia se fez como previsto

Um, nove, nove, sete

Depois de Cristo
A fúria negra ressuscita outra vez
Racionais, capítulo 4, versículo 3

Aleluia
Aleluia
Racionais no ar
Filha da puta!
Pá, pá, pá!

Faz frio em São Paulo, pra mim tá sempre bom
Eu tô na rua de bombeta e moletom
Dim-dim-dom, rap é o som que emana do Opala marrom
E aí... chama o Guilherme, chama o Vainer, chama o Dinho e o Di
Marquinho, chama o Éder, vamo aí
Se os outros mano vêm, pela ordem, tudo bem, melhor
Quem é quem no bilhar, no dominó

Colou dois mano, um acenou pra mim
De jaco de cetim, de tênis, calça jeans

Ei, Brown, sai fora, nem vai, nem cola
Não vale a pena dar ideia nesses tipo aí
Ontem à noite eu vi na beira do asfalto
Tragando a morte, soprando a vida pro alto
Ó os cara, só o pó, pele e osso
No fundo do poço, uma pá de flagrante no bolso

Veja bem, ninguém é mais que ninguém

Veja bem, veja bem, e eles são nossos irmãos também
Mas de cocaína e crack, uísque e conhaque
Os mano morre rapidinho, sem lugar de destaque

Mas quem sou eu pra falar de quem cheira ou quem fuma?
Nem dá, nunca te dei porra nenhuma
Você fuma o que vem, entope o nariz
Bebe tudo que vê, faça o diabo feliz
Você vai terminar tipo o outro mano lá
Que era um preto tipo A, ninguém entrava numa
Mó estilo, de calça Calvin Klein, tênis Puma
Um jeito humilde de ser, no trampo e no rolê
Curtia um funk, jogava uma bola
Buscava a preta dele no portão da escola
Exemplo pra nós, mó moral, mó Ibope
Mas começou a colar com os branquinho do shopping

Aí já era

Ih, mano, outra vida, outro pique
Só mina de elite, balada, vários drinques
Putá de butique, toda aquela porra
Sexo sem limite, Sodoma e Gomorra
Faz uns nove anos
Tem uns quinze dias atrás eu vi o mano
Cê tem que ver, pedindo cigarro pros tiozinho no ponto
Dente tudo zuado, bolso sem nenhum conto
O cara cheira mal, as tia sente medo
Muito loco de sei lá o quê... logo cedo
Agora não oferece mais perigo
Viciado, doente, fudido, inofensivo

Um dia um PM negro veio embaçar
E disse pra eu me pôr no meu lugar

Eu vejo um mano nessas condições, não dá
Será assim que eu deveria estar?
Irmão, o demônio fode tudo ao seu redor
Pelo rádio, jornal, revista e outdoor
Te oferece dinheiro, conversa com calma
Contamina seu caráter, rouba sua alma
Depois te joga na merda, sozinho
Transforma um preto tipo A num neguinho
Minha palavra alivia sua dor, ilumina minha alma
Louvado seja o meu Senhor
Que não deixa o mano aqui desandar
E nem sentar o dedo em nenhum pilantra
Mas que nenhum filha da puta ignore a minha lei
Racionais, Capítulo 4, Versículo 3

Aleluia
Aleluia
Racionais no ar
Filha da puta!
Pá, pá, pá!

Quatro minutos se passaram e ninguém viu
O monstro que nasceu em algum lugar do Brasil
Talvez o mano que trampa debaixo do carro sujo de óleo
Que enquadra o carro-forte na febre com o sangue nos olhos
O mano que entrega envelope o dia inteiro no sol
Ou o que vende chocolate de farol em farol
Talvez o cara que defende o pobre no tribunal
Ou o que procura vida nova na condicional
Alguém no quarto de madeira, lendo à luz de vela
Ouvindo um rádio velho no fundo de uma cela
Ou o da família real de negro, como eu sou
O príncipe guerreiro que defende o gol

E eu não mudo, mas eu não me iludo
Os mano cu de burro tem, e eu sei de tudo
Em troca de dinheiro e um carro bom
Tem mano que rebola e usa até batom
Vários patrícios falam merda pra todo mundo rir
Hahá, pra ver branquinho aplaudir
Na sua área tem fulano até pior
Cada um, cada um, você se sente só
Tem mano que te aponta uma pistola e, fala sério,
Explode sua cara por um toca-fita velho
Click, plau, plau, plau e acabou
Sem dó e sem dor, foda-se sua cor
Limpa o sangue com a camisa e manda se foder
Você sabe por quê, pra onde vai, pra quê
Vai de bar em bar, de esquina em esquina
Pega cinquenta conto, trocar por cocaína
Enfim, o filme acabou pra você
A bala não é de festim, aqui não tem dublê

Para os mano da Baixada Fluminense à Ceilândia
Eu sei, as ruas não são como a Disneylândia
De Guaianases ao extremo sul de Santo Amaro
Ser um preto tipo A custa caro
É foda
Foda é assistir à propaganda e ver
Não dá pra ter aquilo pra você
Playboy forgado, de brinco, cu, trouxa
Roubado dentro do carro na avenida Rebouças
Correntinha das moça, as madame de bolsa

Dinheiro... Não tive pai, não sou herdeiro
Se eu fosse aquele cara que se humilha no sinal
Por menos de um real minha chance era pouca
Mas se eu fosse aquele moleque de touca

Que engatilha e enfia o cano dentro da sua boca
De quebrada sem roupa, você e sua mina
Um, dois, nem me viu, já sumi na neblina
Mas não...
Permaneço vivo, prossigo a mística
Vinte e sete ano contrariando a estatística
Seu comercial de TV não me engana
Eu não preciso de status nem fama
Seu carro e sua grana já não me seduz
E nem a sua puta de olhos azuis
Eu sou apenas um rapaz latino-americano
Apoiado por mais de cinquenta mil manos
Efeito colateral que o seu sistema fez
Racionais, capítulo 4, versículo 3

DIÁRIO DE UM DETENTO (Jocenir e Mano Brown)

São Paulo, dia primeiro de outubro
De mil novecentos e noventa e dois
Oito horas da manhã

Aqui estou mais um dia
Sob o olhar sanguinário do vigia
Você não sabe como é caminhar
Com a cabeça na mira de uma HK
Metralhadora alemã ou de Israel
Estraçalha ladrão que nem papel

Na muralha, em pé, mais um cidadão José
Servindo um Estado, um PM bom
Passa fome, metido a Charles Bronson
Ele sabe o que eu desejo
Sabe o que eu penso
O dia tá chuvoso, o clima tá tenso
Vários tentaram fugir, eu também quero
Mas de um a cem, a minha chance é zero
Será que Deus ouviu minha oração?
Será que o juiz aceitou a apelação?
Mando um recado lá pro meu irmão:
Se tiver usando droga, tá ruim na minha mão
Ele ainda tá com aquela mina
Pode crê, o moleque é gente fina

Tirei um dia a menos ou um dia a mais, sei lá
Tanto faz, os dias são iguais
Acendo um cigarro e vejo o dia passar
Mato o tempo pra ele não me matar

Homem é homem, mulher é mulher

Estuprador é diferente, né?
Toma soco toda hora, ajoelha e beija os pés
E sangra até morrer na rua 10

Cada detento, uma mãe, uma crença
Cada crime, uma sentença
Cada sentença, um motivo, uma história
De lágrima, sangue, vidas e glórias
Abandono, miséria, ódio, sofrimento
Desprezo, desilusão, ação do tempo
Misture bem essa química
Pronto: eis um novo detento
Lamentos no corredor, na cela, no pátio
Ao redor do campo, em todos os cantos
Mas eu conheço o sistema, meu irmão
Aqui não tem santo
Ratatatá, preciso evitar
Que um safado faça minha mãe chorar
Minha palavra de honra me protege
Pra viver no país das calças bege

Tic, tac, ainda é nove e quarenta
O relógio na cadeia anda em câmera lenta

Ratatatá, mais um metrô vai passar
Com gente de bem, apressada, católica
Lendo jornal, satisfeita, hipócrita
Com raiva por dentro, a caminho do centro
Olhando pra cá, curiosos, é lógico
Não, não é, não, não é o zoológico
Minha vida não tem tanto valor
Quanto seu celular, seu computador

Hoje tá difícil, não saiu o sol

Hoje não tem visita, não tem futebol
Alguns companheiros têm a mente mais fraca
Não suportam o tédio, arruma quiaca
Graças a Deus e à Virgem Maria
Faltam só um ano, três meses e uns dias
Tem uma cela lá em cima fechada
Desde terça-feira ninguém abre pra nada
Só o cheiro de morte e Pinho Sol
Um preso se enforcou com o lençol
Qual que foi? Quem sabe não conta
Ia tirar mais uns seis de ponta a ponta
Nada deixa um homem mais doente
Que o abandono dos parentes

Aí, moleque, me diz, então, cê quer o quê?
A vaga tá lá esperando você
Pega todos seus artigo importado
Seu currículo no crime e limpa o rabo
A vida bandida é sem futuro
Sua cara fica branca desse lado do muro
Já ouviu falar de Lúcifer?
Que veio do inferno com moral?
Um dia no Carandiru, não ele é só mais um
Comendo rango azedo com pneumonia

Aqui tem mano de Osasco, do Jardim D'Abril
Parelheiros, Mogi, Jardim Brasil
Bela Vista, Jardim Ângela, Heliópolis
Itapevi, Paraisópolis
Ladrão sangue bom tem moral na quebrada
Mas pro Estado é só um número, mais nada
Nove pavilhões, sete mil homens
Que custam trezentos reais por mês cada

Na última visita, o neguinho veio aí
Trouxe umas frutas, Marlboro, Free
Ligou que um pilantra lá da área voltou
Com Kadett vermelho, placa de Salvador
Pagando de gatão, ele xinga, ele abusa
Com uma nove milímetro embaixo da blusa
Aí neguinho, vem cá, e os manos onde é que tá?
Lembra desse cururu que tentou me matar?

Aquele puto é ganso, pilantra, corno manso
Ficava muito doido e deixava a mina só
A mina era virgem e ainda era menor
Agora faz chupeta em troca de pó

Esses papo me incomoda
Se eu tô na rua é foda

É, o mundo roda, ele pode vir pra cá

Não, já, já meu processo tá aí
Eu quero mudar, eu quero sair
Se eu trombo esse fulano, não tem pá, não tem pum
E eu vou ter que assinar um cento e vinte e um

Amanheceu com sol, dois de outubro
Tudo funcionando, limpeza, jumbo
De madrugada eu senti um calafrio
Não era do vento, não era do frio
Acerto de conta tem quase todo dia
Ia ter outro logo mais, hã, eu sabia
Lealdade é o que todo preso tenta
Conseguir a paz de forma violenta
Se um salafrário sacanear alguém
Leva ponto na cara igual Frankenstein

Fumaça na janela, tem fogo na cela
Fudeu, foi além, se pã, tem refém
A maioria se deixou envolver
Por uns cinco ou seis que não têm nada a perder
Dois ladrões considerados passaram a discutir
Mas não imaginavam o que estaria por vir
Traficantes, homicidas, estelionatários
Uma maioria de moleque primário

Era a brecha que o sistema queria
Avisar o IML, chegou o grande dia
Depende do sim ou não de um só homem
Que prefere ser neutro pelo telefone
Ratatatá, caviar e champanhe
Fleury foi almoçar, que se foda a minha mãe
Cachorros assassinos, gás lacrimogêneo
Quem mata mais ladrão ganha medalha de prêmio

O ser humano é descartável no Brasil
Como modess usado ou Bombril
Cadeia guarda o que o sistema não quis
Esconde o que a novela não diz

Ratatatá, sangue jorra como água
Do ouvido, da boca e nariz
O Senhor é meu pastor, perdoe o que seu filho fez
Morreu de bruços no Salmo 23
Sem padre, sem repórter
Sem arma, sem socorro
Vai pegar HIV na boca do cachorro
Cadáveres no poço, no pátio interno
Adolf Hitler sorri no inferno
O Robocop do governo é frio, não sente pena

Só ódio, e ri como a hiena

Ratatatá, Fleury e sua gangue

Vão nadar numa piscina de sangue

Mas quem vai acreditar no meu depoimento?

Dia três de outubro, diário de um detento

PERIFERIA É PERIFERIA (EM QUALQUER LUGAR)

Este lugar é um pesadelo periférico
Fica no pico numérico de população
De dia, a pivetada a caminho da escola
À noite vão dormir enquanto os mano decola
Na farinha, na pedra
Usando droga de monte, que merda

Eu sinto pena da família desses cara
Eu sinto pena, ele quer mais, ele não para
Um exemplo muito ruim pros moleque
Pra começar é rapidinho e não tem breque
Herdeiro de mais alguma dona Maria

Cuidado, senhora, tome as rédeas da sua cria

Porque o chefe da casa trabalha e nunca está
Ninguém vê sair, ninguém escuta chegar
O trabalho ocupa todo o seu tempo
Hora extra é necessário pro alimento
Uns reais a mais no salário
Esmola de patrão, cuzão, milionário

Ser escravo do dinheiro é isso, fulano
Trezentos e sessenta dias por ano sem plano
Se a escravidão acabar pra você
Vai viver de quem, vai viver de quê?
O sistema manipula sem ninguém saber
A lavagem cerebral te fez esquecer
Que andar com as próprias pernas não é difícil
Mais fácil se entregar, se omitir
Nas ruas áridas da selva
Eu já vi lágrimas demais

O bastante pra um filme de guerra

Aqui a visão já não é tão bela

Não existe outro lugar

Periferia, gente pobre

Aqui a visão já não é tão bela

Não existe outro lugar

Periferia é periferia

Um mano me disse que quando chegou aqui

Tudo era mato e só se lembra de tiro, aí

Outro maluco diz que ainda é embaçado

Quem não morreu, tá preso ou sossegado

Quem se casou quer criar o seu pivete, ou não

Cachimbar e ficar doido igual moleque, então

A covardia dobra a esquina e mora ali

Lei do cão, lei da selva, hora de subir

Mano, que treta, mano!

Mó treta, você viu?

Roubaram o dinheiro daquele tio!

Que se esforça, sol a sol, sem descansar

Nossa Senhora o ilumine e nada vai faltar

É uma pena, um mês inteiro de trabalho

Jogado tudo dentro de um cachimbo, caralho!

O ódio toma conta de um trabalhador

Escravo urbano, um simples nordestino

Comprou uma arma pra se autodefender

Quer encontrar o vagabundo

Que essa vez não vai ter... boi

Qual que foi?

Não vai ter boi

Qual que foi?

A revolta deixa o homem de paz imprevisível
E sangue no olho, impiedoso e muito mais
Com sede de vingança e prevenido
Com ferro na cinta, acorda na madrugada de quinta
Um pilantra andando no quintal
Tentando, roubando as roupas do varal
Olha só como é o destino, inevitável
O fim de vagabundo é lamentável
Aquele puto que roubou ele outro dia
Amanheceu cheio de tiro, ele pedia
Dezenove anos jogados fora
É foda, essa noite chove muito porque Deus chora

Muita pobreza, estoura violência
Nossa raça está morrendo mais cedo
Não me diga que está tudo bem

Muita pobreza, estoura a violência
Nossa raça está morrendo mais cedo
A verdade seja dita

Vi só alguns anos pra cá, pode acreditar
Já foi bastante pra me preocupar com meus filhos
Periferia é tudo igual
Todo mundo sente medo de sair de madrugada e tal
Ultimamente andam os doido pela rua
Loucos na fissura, te estranham na loucura
Pedir dinheiro é mais fácil que roubar, mano

Roubar é mais fácil que tramar, mano
É complicado, o vício tem dois lado
Depende disso ou daquilo, ou não, tá tudo errado
Eu não vou ficar do lado de ninguém porque:
Quem vende a droga pra quem?
Vem pra cá de avião ou pelo porto, cais
Não conheço pobre dono de aeroporto e mais
Fico triste por saber e ver
Que quem morre no dia a dia é igual a eu e a você

Periferia é periferia
Que horas são, não sei responder
Periferia é periferia
Milhares de casas amontoadas
Periferia é periferia
Vacilou, ficou pequeno, pode acreditar
Periferia é periferia (em qualquer lugar)
Gente pobre
Periferia é periferia
Vários botecos abertos, várias escolas vazias
Periferia é periferia
E a maioria por aqui se parece comigo
Periferia é periferia
Mães chorando, irmãos se matando, até quando?
Periferia é periferia (em qualquer lugar)
Gente pobre

Periferia é periferia
Aqui, meu irmão, é cada um por si
Periferia é periferia
Molecada sem futuro, eu já consigo ver
Periferia é periferia
Aliados drogados
Periferia é periferia (em qualquer lugar)

Gente pobre

Periferia é periferia

Deixe o crack de lado, escute o meu recado